A Posição Justa Dos Comunistas Aumenta o Desespêro Da Ditadura

Ameaçado de completo isolamento, o grupo fascista Dutra - Alcio Souto - Costa Neto resvala para o terreno de provocações de violências contra a Democracia

A CLASSE OPERÁRIA

ANO II — RIO DE JANEIRO, 19 DE JULHO DE 1947 — NúMERO 82

Como havíamos previsto, agravaram-se as contradições entre os partidos da classe dominante e cada vez mais nítida se apresenta a perspectiva de isolamento do pequeno grupo fascista, que detém o poder e que, com os seus crimes e a sua inepcia, vai conduzindo o país à bancarrota.

O reconhecimento público pelo sr. José Américo, de que o govêrno é impopular, demonstra o impasse, em que se encontram as negociações entre a U.D.N. e a camarilha ditatorial. Não foi possível, sem dúvida, ajustar os pontos de vista em torno dos interêsses materiais em jôgo, em torno dos cargos que uns e outros disputam. O sr. José Américo, na sua última entrevista, falou nos princípios, do seu partido, nos compromissos assumidos pela U.D.N. diante do povo. Sentindo, pois, a insatisfação que existe nas massas do seu eleitorado, os dirigentes da U.D.N. refletem, ao menos, sôbre os funestos efeitos de uma política de capitulação, que significaria, em troca de pequenas e transitórias compensações, entregar-se de mãos e pés amarrados a um govêrno próximo de abrir falência. A U.D.N. agitou uma bandeira de defesa das liberdades democráticas, que mobilizou certos setôres de classe média e, por isso, é obrigada a olhar para a sua retaguarda. O mesmo não se dá com o grupo fascista, que despreza o povo e conta exclusivamente com os postos-chave sob o seu contrôle.

O recuo da U.D.N. da sua posição anterior só se definirá, porém, de maneira precisa, à medida que o movimento de massas fôr impondo a necessidade de encarrar, antes de tudo, o problema de defesa da democracia, desmascarando impiedosamente os capitulacionistas.

Segundo anunciaram alguns jornais, o sr. Jurací Magalhães não concordaria com o fracasso dos entendimentos, passando a chefiar uma ala dissidente, que apoiará a cassação dos mandatos, com base "nos fatôres internacionais". De fato, o sr. Jurací Magalhães está ligado a um "fatôr internacional" muito importante, que é o imperialismo ianque e, além disso, todo o seu jôgo decorre da sua ambição de fugir ao ostracismo político, em que se encontra (nem governador, nem ministro); integrando-se no bando fascista. Êsse caminho levará o sr. Jurací, inevitavelmente, a alguma coisa pior do que o ostracismo, que é o suicídio político, o desmascaramento completo diante dos seus próprios eleitores da Bahia.

Em tôda a situação, vai se afirmando, cada vez mais, como fator decisivo, a posição dos comunistas, enérgica, independente, serena diante das provocações, justa e patriótica ao colocar os princípios programáticos e os interêsses nacionais acima dos conchavos e das ridículas vantagens grupistas. E' isso o que desespera a camarilha Dutra. Os comunistas defendem, através de todos os recursos legais, os mandatos, que lhes confiou o povo mas não temem a ilegalidade, em que viveram durante vinte e três anos cheios de perseguições. Os comunistas colocam a questão dos mandatos como uma questão vital para a democracia, para todos os partidos, para a existência do próprio Congresso. Colocados em tão elevado plano, podem falar de cabeça erguida à classe operária e às amplas massas populares, podem ser implacáveis no combate ao criminoso grupo ditatorial e no desmascaramento dos democratas de fachada(dos capitulacionistas e traidores. Nada seria mais prejudicial, nesta hora, do que ceder às intenções da ditadura ou transigir com as manobras dos capitulacionistas. O isolamento dos inimigos do povo, que se concentram em tôrno do general Dutra, servindo a banqueiros e monopolistas ianques, só poderá ser conseguido com o combate implacável a todos os seus crimes e traições.

O grupo fascista já sente o seu gradual isolamento, desespera-se com o fracasso dos acôrdos e começa a descrer das possibilidades de consolidar a Ditadura, cassando os mandatos, através de u'a "mascarada legal", como foi o fechamento do Partido Comunista. A entrevista do general Dutra e o discurso do general Alcio Souto são um sintoma de desespêro e impotência. Apelando para o golpe armado, para a implantação pela violência de uma ditadura militar-fascista, como denunciou o líder católico Alceu de Amoroso Lima, o grupo Dutra entrará, assim, num terreno pantanoso, que o há de tragar inexoravelmente.

Os comunistas não têm ilusões sôbre os acontecimentos, mas não se deixam colher pelo pessimismo dos fracos. Estão convictos de que é justa a sua posição e confiantes em que a fôrça das massas jogará o papel decisivo na restauração da legalidade democrática.

18 De Julho, Uma Data Do Povo Espanhol e Uma Advêrtencia Ao Nosso Povo

A GLORIOSA REPÚBLICA DE NEGRIN E JOSE' DIAZ FOI VÍTIMA DA TRAIÇÃO DOS GENERAIS FASCISTAS, COM FRANCO À FRENTE

José Diaz

Passando este mês, a 18, o II° aniversário da deflagração da guerra civil na Espanha, quando Franco e outros generais fascistas apunhalaram a República e investiram contra as massas trabalhadoras e o povo, cabe-nos homenagear o heróico povo espanhol pela bravura com que tem sabido sacrificar-se para tornar a ditadura de Franco insustentável.

Devemos relembrar que bem antes da traição dos generais fascistas, o líder do Partido Comunista espanhol, o grande José Diaz, alertava, da tribuna do parlamento, a Nação contra o golpe. Mais ainda, denunciava toda a trama de traição do grupo fascista do Exército e apontava Franco, Sanjurjo e outros, que seriam os coveiros da República.

Chamava a atenção do governo para a intentona próxima e a caracterizava como parte do plano guerreiro de Hitler, Mussolini e seus comparsas contra a democracia e a independência dos povos.

No entanto, os apelos dos comunistas espanhóis foram considerados alarmistas e, mais ainda, como "jogo da União Soviética".

A 18 de Julho de 1936 iniciava-se a guerra civil, para cuja vitória tanto contribuiram os que mais tarde concluiram o pacto de Munich: os representantes dos governos de traição da Inglaterra e França, com a sua "Não intervenção". Enquanto isso, Hitler e Mussolini abasteciam Franco e seus asseclas com tropas, armas e munições de que necessitavam para esmagar a resistência do povo espanhol.

Depois de três anos de luta formidável e de magnífica resistência da Espanha, venciam os agentes do imperialismo germano-fascista.

Veio a guerra total desejada pelo nazismo. O nazismo foi militarmente esmagado em todo o mundo. Mas a heróica Espanha continua ainda hoje, já no terceiro ano de paz, a suportar a tirania mais sanguinária de sua História. Franco acaba de sagrar-se rei e recebe dos imperialistas americanos e ingleses os favores que recebia antes de Hitler e Mussolini, pois não há dúvida que sem o apôio que lhe dão os bandidos imperialistas, de há muito o povo espanhol teria liquidado Franco e reconquistado sua liberdade.

O nosso povo compreende isto, tão bem quanto o povo espanhol. E na passagem deste novo 18 de julho, presta ao povo irmão da Espanha todo o seu apôio moral, toda a sua simpatia e solidariedade. Recorda o nosso povo, como uma experiência, a traição do grupo de generais fascistas da Espanha e, num dos momentos mais graves de nossa Pátria, não despresará as advertências que patriotas como Prestes lhe fazem diàriamente do perigo de uma tirania militar-fascista, ensaiada já abertamente por Dutra, Alcio Souto e mais meia dúzia de generais fascistas, que não representam o nosso democrático Exército.

[illegible] não cair no cáos e na guerra civil de que foi vítima o povo espanhol, é que o nosso povo luta contra a ditadura ainda não consolidada do grupo de generais fascistas, certo de que quanto mais vigor tiver essa luta, mais próxima estará a vitória da democracia sôbre a reação, do progresso sôbre a dominação imperialista.

Dolores Ibarruri, dirigente do P.C. Espanhol

"O Pior Inimigo é o Imperialismo Americano" – afirma PRESTES

O LÍDER CATÓLICO SR. AMOROSO LIMA CONDENA O FECHAMENTO DO PARTIDO COMUNISTA E ADVERTE CONTRA O PERIGO DE UMA DITADURA MILITAR-FASCISTA NO BRASIL

Transmitido pela agência telegráfica norteamericana United Press, os matutinos cariocas publicaram quinta-feira, 17, um resumo de duas entrevistas concedidas à revista "United Nations", de Nova York. A primeira é uma entrevista do dirigente comunista Luiz Carlos Prestes, e a outra do líder católico sr. Alceu Amoroso Lima.

A entrevista com Prestes foi feita antes do fechamento do Partido Comunista, e nela Prestes frisava que caso o partido fôsse fechado os comunistas continuariam lutando pela democracia e pelo progresso, como o havia feito nos 23 anos de ilegalidade, durante os quais foram o principal baluarte no combate ao fascismo. Aqui transcrevemos uma parte da entrevista de Prestes segundo a retransmissão feita pela referida agência ianque:

"Interrogado sôbre se considerava o resultado das eleições de janeiro como um passo adiante ou uma derrota do Partido Comunista, Prestes respondeu que "foi uma vitória. Um grande número de eleitores se absteve de votar, desiludidos com a Constituição; assim, o nosso meio milhão de votos representou treze porcento do total, enquanto os nossos 600.000 votos em 1945 representaram apenas 10 porcento do total".

Interrogado sôbre Perón, Prestes esclareceu que o chefe do govêrno da Argentina não é um fascista, acrescentando que "há mais liberdade na Argentina, hoje, que no Brasil".

Prossegue a agencia: "Declarou em seguida que os Estados Unidos tratam de provocar uma guerra entre o Brasil e a Argentina."

"Manifestou depois o líder comunista brasileiro sua grande admiração pelo povo norte-americano, porém acrescentando: "êsse povo e o resto do mundo capitalista é explorado por sessenta familias que dominam a economia norte-americana por intermédio de meia dezena de poderosos "trusts".

"Falando a respeito do projetado pacto de Defesa do Hemisfério, Prestes declarou que "consideraria o problema como um perito militar. Se discutimos a defesa do país o primeiro que se deve saber é: defesa contra quem? É evidente que no caso do caso do Brasil e de outras Nações, americanas que o possível e provável inimigo são os Estados Unidos".

"Prestes — continúa a agência — acrescentou que, por êsse motivo, era um absurdo a uniformização dos armamentos e cessão de bases aos Estados Unidos".

"Com referência aos sindicatos trabalhistas, Prestes expressou que "consideramos a Federação Norte-Americana do Trabalho um instrumento do imperialismo norte-americano, que trata de afastar os trabalhadores latino-americanos da Confederação dos Trabalhadores da América Latina".

"Finalmente, Prestes afirmou: " — O pior inimigo da Humanidade é o imperialismo norte-americano. Quanto ao nosso propósito aquí, desejo dizer ao povo norte-americano que o Partido Comunista do Brasil está se esforçando pelo rápido desenvolvimento do capitalismo no Brasil".

A ENTREVISTA DO SENHOR AMOROSO LIMA

Na entrevista do líder católico brasileiro sr. Alceu Amoroso Lima, segundo a retransmissão feita para o nosso país pela United Press, devemos destacar que se manifesta contrário ao fechamento do Partido Comu-

(Conclui na 3ª pág.)

neste número

Chamamos a atenção dos leitores para as seguintes matérias:

A Autonomia Do Distrito

O SENADO VIOLOU A CONSTITUIÇÃO ATRIBUINDO-SE A DECISÃO SÔBRE O VETO DO PREFEITO

Depois de haver aprovado recentemente, a decisão do TSE cassando o mandato do senador por São Paulo, Euclides Vieira, do PSP, eleito por mais de 320 mil votos, a maioria reacionária do Senado Federal acaba de praticar mais uma vilania, liquidando pràticamente a autonomia da Câmara Municipal do Distrito Federal.

Com a decisão tomada quinta-feira última, recusando à Câmara do Distrito o direito de discutir o veto do Prefeito, o Senado colocou aquela Câmara à mercê do grupo fascista, pois tôdas as suas iniciativas poderão ser vetadas pelo prefeito e êsse veto poderá ser ratificado pelo Senado.

O fato é bem característico dos dias que vivemos, quando são feitos todos os esforços por parte do grupo fascista do govêrno para matar a vida parlamentar no país, tirando aos legítimos representantes do povo o direito que o povo soberanamente lhes deu de decidir dos seus magnos problemas.

No entanto, o Senado decide agora liquidar com a principal função da Câmara Municipal, dando poderes verdadeiramente ditatoriais ao Prefeito, pois estará nas suas mãos o direito de vetar as decisões da Câmara sem que esta possa julgar do seu veto.

E' talvez um fato inédito na história de qualquer democracia.

A Fome Do Povo Brasileiro Torna Inadiavel a Reforma Agrária

Por JACOB GORENDER

No artigo publicado no número anterior de "A CLASSE", propusemo-nos comparar a situação agrícola dos Estados da Bahia, Minas e S. Paulo, regiões em que o latifúndio predomina, com a situação agrícola dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, regiões em que a pequena propriedade já exerce notável influência.

Infelizmente, as estatísticas de que dispomos não diferenciam, nos três Estados sulinos, as zonas da colônia, cultivada através do sistema da pequena e média propriedade, das zonas da grande propriedade territorial, que ali também continuam existindo. Desta maneira, o fator pequena propriedade não aparece na plenitude das suas consequências diante do fatôr latifúndio. Ainda assim, os números do Censo de 1940 e os quadros posteriores elaborados pelo IBGE obrigam-nos a concluir, atribuindo à pequena propriedade a causa do rendimento relativamente progressista da agricultura dos três Estados do Sul em face do restante do país, em que o latifúndio esmaga tôda e qualquer outra forma de propriedade.

A DISTRIBUIÇÃO DA PROPRIEDADE AGRICOLA

Em 1940, de acôrdo com o Censo então levado a efeito, existiam, no Brasil, 1.904.589 propriedades agrícolas. Da população ativa do Brasil, existiam 9.453.512 pessoas, de 10 anos e mais, que se dedicavam à agricultura, pecuária e silvicultura.

Vejamos, agora, através de um quadro, a situação nos Estados, que nos preocupam:

ESTADOS	Número de propriedades agrícolas	N.º de empregados em atividades agro-pecuárias
Bahia	226.343	1.053.384
Minas	284.685	1.651.949
São Paulo	252.615	1.529.055
Paraná	64.397	301.431
Santa Catarina	88.469	279.880
Rio Grande do Sul	230.722	756.302

Nas zonas do latifúndio, como é sabido, é frequente o caso em que uma mesma pessoa ou família seja proprietária de duas ou mais extensões territoriais. Nas zonas da pequena propriedade, êsse caso é mais raro. Em tese, admitamos, porém, que cada proprietário detenha apenas uma única extensão territorial. Estabelecendo a relação entre o número de propriedades agrícolas e o de habitantes empregados em atividades agrárias, verificamos que, para cada propriedade, correspondem, na Bahia, 4, 6 habitantes; em Minas, 6, 7; em São Paulo, 6; no Paraná, 4, 6; em Santa Catarina, 3, 1; no Rio Grande do Sul, 3, 2. Nos Estados sulinos, proporcionalmente, existem, pois, muito menos lavradores sem a posse da terra.

Esta relação é importante para avaliar o grau de distribuição da propriedade. Existe, porém, outro aspecto indispensável para caracterizar o quadro: — Qual é o tamanho predominante no número de propriedades?

Já citamos a França e os Estados Unidos como países típicos da pequena propriedade agrícola. Na França, a área média por camponês é de 14 hectares. Nos Estados Unidos, corresponde a 72 hectares.

Para o nosso caso vamos considerar três tipos de áreas: de menos de 1 hectare a 5 hectares, de 10 a 20 hectares e de 20 a 50 hectares. O quadro seguinte nos mostrará a percentagem que cabe a cada um dêsses tipos de áreas no número total de propriedades, por Estado:

A DISTRIBUIÇÃO DA AREA CULTIVADA

A área cultivada, no Brasil, como já vimos no número anterior, é ridícula em face das necessidades mínimas da população.

Em 1940, de acôrdo com o Censo, a área cultivada na Bahia, era de 563.106 hectares; em Minas, de 2.972.605 hectares; em São Paulo, de 3.811.928 hectares; no Paraná, de 619.022 hectares; em Sta. Catarina, de 343.213 hectares; no Rio Grande do Sul, de 1.322.695 hectares.

Estabeleçamos, agora, a relação entre a área cultivada e o número de habitantes, que trabalham no campo. Para cada pessoas empregada em atividades agrárias, corresponde, em Minas, 1,6 hectares; em São Paulo, 2,4 hectares; no Paraná, 2; em Sta. Catarina, 1,2; no Rio Grande do Sul, 1,7. Na Bahia, entretanto, não existe sequer a relação mínima de 1 camponês para cada hectare cultivado. A relação, aí, se inverte: para cada hectare cultivado existem, na Bahia, 1,6 habitantes ativos no campo! A tal ponto pode o latifúndio influir na redução da área cultivada e, consequentemente, na produtividade agrícola.

Em São Paulo, constatamos o relativo avanço da área cultivada, tendo, por condições favoráveis, as solicitações do mercado internacional. Mas, tanto em São Paulo e Minas, como nos três Estados sulinos, a área cultivada não é satisfatória, mostrando os limites apertados, que lhe impõe a existência do latifúndio.

Os únicos Estados, porém, que, de 1931 a 1944, demonstram um aumento de mais de 100% na extensão da área cultivada, são o Paraná e Sta. Catarina, sendo que, no Paraná, o aumento foi de 180%. Nos demais Estados, os aumentos verificados oscilam entre 30 e 50%.

Em 1931, era a seguinte a área cultivada nos Estados, que vimos considerando: Bahia — 419.913 hectares; Minas — 1.837.827 hectares; São Paulo — 3.590.792; Paraná — 292.410; Sta. Catarina — 178.662; no Rio Grande do Sul — 1.169.705.

Em 1944, passou a ser a seguinte a situação: Bahia — .... 667.089 hectares; Minas — ..... 2.992.267; São Paulo — 4.658.215; Paraná — 835.669; Sta. Catarina — 435.168; Rio Grande do Sul — 1.648.672.

EM PRIMEIRO LUGAR, PRECISAMOS DE ARADOS

Um dos argumentos frequentes contra a reforma agrária tem sido a mecanização, que seria dificultada pela divisão dos latifúndios. A pequena propriedade não comportaria o uso de tratores e de outras máquinas em larga escala.

Realmente precisamos de tratores. Mas o seu emprêgo está sendo dificultado, não pela pequena propriedade, mas pelo latifúndio, cujos proprietários não se interessarão no emprêgo de máquinas, enquanto tiverem o trabalho quase gratuito da massa camponesa semi-escrava. Existia, no Brasil, em 1940, o ridículo total de 3.380 tratores, cabendo 1410 a São Paulo e 1.104 ao Rio Grande do Sul (proporcionalmente, êste último muito mais beneficiado). Mas o problema básico imediato não é o de tratores, mas o de arados, grados, semeadeiras, etc.

Consideramos, por exemplo, o arado, instrumento que já era empregado na Idade Média. Para o total de 1.904.589 propriedades agrícolas havia em 1940, apenas 500.853 arados, no Brasil! Isto significa que apenas um [illegible] das propriedades dispunha de tão rudimentar instrumento, que é empregado nas planícies como nas montanhas, nas zonas áridas e ferteis da Europa.

Considerando, porém, os Estados em fóco, mais uma vez se confirma que a pequena propriedade é favorável ao progresso. Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul empregam, proporcionalmente, muito maior número de arados do que São Paulo, Minas e, particularmente, a Bahia, cujo atraso, diante dêste fato e do que já ficou acima registrado, é simplesmente expantoso.

O número de arados assim se distribui: Bahia — 1.645; Minas — 49.373; São Paulo — 168.073; Paraná — 20.498; Sta. Catarina — 21.431; Rio Grande do Sul — 222.657.

Existem, por conseguinte, sem arados (se considerarmos para cada propriedade um só arado): Bahia — 227.698 propriedades; Minas — 235.312; São Paulo — 84.542; Paraná — 43.899; Sta. Catarina — 67.038; Rio Grande do Sul — 8.065. A situação relativamente previlegiada do Rio Grande do Sul mais uma vez se comprova.

O senador Apolonio Sales, que tanto fala em tratores, se quizer ser honesto diante dos fatos, deve mudar de rumo e falar em arados. Ao mesmo tempo, deverá reconhecer que não adianta distribuir arados a quem não possui terra. Porisso, o problema dos arados está intimamente ligado á multiplicação da pequena propriedade.

CULTURA VARIADA E MONOCULTURA

A multiplicação da pequena propriedade está ligada, também, estreitamente, ao problema do aumento da produção de gêneros alimentícios, o que será possível somente com a diversificação da agricultura brasileira, com a liquidação do sistema exclusivo da monocultura que vem da economia colonial e que persiste porque quase nenhuma modificação sofreu a nossa estrutura agrária.

Na Bahia, o produto dominante é o cacau. Em São Paulo, dominam o café e o algodão. Em ambos os casos, o que entra em consideração principal não são as necessidades de gêneros alimentícios do povo brasileiro, mas as solicitações do mercado exterior.

Enquanto, na Bahia, Minas e São Paulo, o grosso da produção agrícola é preenchido por dois ou três produtos, nos Estados do sul o grosso da produção agrícola é preenchido por 5 ou 6 produtos, gêneros alimentícios que abastecem muitos Estados do país.

De acôrdo com os dados de 1944, na Bahia, cacau, mandioca e milho ocupam 398.972 hectares; em Minas, milho, café e arroz, ocupam 2.294.414 hectares; em São Paulo, café e [illegible] ocupam 2.926.960 hectares; em Sta. Catarina, milho, feijão, trigo, cana de açúcar, centeio e arroz, ocupam, cabendo a cada um extensões relativamente proporcionais, 340.535 hectares; no Rio Grande do Sul, milho, trigo, arroz, feijão e mandioca, também de maneira proporcional, ocupam ..... 1.432.075 hectares. Não nos referimos ao Paraná, porque os dados a seu respeito incorrem nalguns erros.

REGIÕES DE "DEFICIT" CONSTANTE

Daí derivam consequências importantes. Uma delas é o "deficit" constante e, de ano para ano, agravado, da maior parte do Brasil, no que se refere á produção e ao consumo de gêneros alimentícios. Reproduziremos, a propósito, um trecho do memorial das associações comerciais ao presidente da República:

"A região Norte contribui com 2% da produção, com 3% do consumo e com 3,62% da população; o Nordeste com 16% da produção, com 21% do consumo e .... 24,13% da população; o Leste com 36% da produção, 40% do consumo e 37,90% da população; o Sul, com 40% da produção, 33% do consumo e 31,33% da população; e, finalmente, o Centro-Oeste com 6% da produção 3% do consumo e 3,02% da população".

Essa situação se reflete no comércio de cabotagem. Confrontando a exportação e a importação entre os Estados do país, por via marítima, é a Bahia que apresenta o maior "deficit": Cr$ .... 398.890.000,00 para menos. Os únicos Estados, que apresentam saldo são os do sul, cabendo o primeiro lugar ao Rio Grande do Sul, com Cr$ 252.621.000,00 para mais. Seguem-se São Paulo, com o saldo de Cr$ 189.701.000,00, e Sta. Catarina, com o saldo de Cr$ 164.124.000,00. Convem notar que a exportação de S. Paulo para os demais Estados é, principalmente, de produtos industriais, ao passo que, no caso do Rio Grande do Sul e Sta. Catarina, predominam os produtos agrícolas.

O RENDIMENTO MEDIO DA NOSSA AGRICULTURA

As zonas da pequena propriedade, no Rio Grande do Sul, Sta. Catarina e Paraná, constituem uma exceção no país. Mesmo sem distinguir, nos dados estatísticos, essas zonas da parte latifundiaria dos três Estados sulinos, já vimos a grande vantagem, que elas levam no confronto com outros três Estados, economicamente dos mais importantes do país,

(Conclui na 6.ª pág.)

Percentagem do número total de propriedades, de acôrdo com a área

ESTADOS	Até 5 hectares	De 10 a 20 hectares	De 20 a 50 hectares
Bahia	24,76	17,85	21,51
Minas	10,61	15,41	25,87
São Paulo	19,61	18,43	26,33
Paraná	10,33	16,90	32,63
Santa Catarina	11,49	22,34	35,50
Rio Grande do Sul	5,58	22,91	37,96

Este quadro nos permite constatar que, dentre as propriedades, que se devem considerar pequenas ou médias, predominam, no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, aquelas de 20 a 50 hectares. Na Bahia, a predominancia é das propriedades até 5 hectares, que se podem considerar, não pequenas, mas ínfimas sobretudo num país como o Brasil. Em Minas e São Paulo, são mais numerosas as propriedades de 20 a 50 hectares, ainda assim com uma percentagem muito longe daquela que corresponde a tal tipo de área nos três Estados Sulinos. Aí vemos, por conseguinte, como o latifúndio, além de extinguir numerosas propriedades pequenas, anexando-as por completo, esmaga as que subsistem, impedindo a sua ampliação, reduzindo-as a extensões territoriais quase insignificantes, principalmente num país como o Brasil, de agricultura extensiva, com quase nenhum emprêgo de meios técnicos rudimentares.

OPERARIO

VOCÊ, que tem justas reivindicações a fazer, que luta para que sua família tenha o que comer, o que vestir e onde morar, que deseja uma boa educação para seu filho e quer, acima de tudo, o progresso do Brasil, deve aprender a descobrir a verdade onde a verdade se encontra. Procure organizar-se, lute em seu sindicato em defesa de seus interesses. Defenda-se dos golpes da reação, esclarecendo-se, cada vez mais. Dê inteiro apoio ao jornal que realmente defende seus interesses porque é, de fato, o jornal feito pelo povo, exclusivamente para o povo. Torne-se assinante da "TRIBUNA POPULAR". "TRIBUNA POPULAR" não tem ligações com interesses estrangeiros porque não compactua com os grupos internacionais do imperialismo e do monopólio que tudo desejam... menos ver a democracia instalada em nossa pátria. "TRIBUNA POPULAR" é o jornal do proletariado, a voz da grande classe do presente que está dirigindo a luta pela paz, pela democracia e pelo progresso. Assine "TRIBUNA POPULAR" e peça também assinaturas aos seus companheiros, aos seus visinhos, aos seus amigos, em todos os locais de trabalho.

Torne-se hoje mesmo assinante da «TRIBUNA POPULAR»

Recorte ou copie este cupão e remeta-o à «Tribuna Popular»

Snr Gerente da «Tribuna Popular»
Av Pres Antonio Carlos, 207-13º - RIO DE JANEIRO

Anexo um (vale postal ou cheque pagável no Rio de Janeiro à «TRIBUNA POPULAR»), na importância de Cr.$ (120,00 ou 70,00) para uma assinatura por (1 ano ou seis mêses) da «TRIBUNA POPULAR».

Nome ....

Endereço ....

Municipio .... Estado ....

o leitor escreve

(Conclusão da 3.ª pág.)

defesa do povo, pela defesa da pátria, e o senador Luiz Carlos Prestes, senador do povo, eleito pelo povo brasileiro. Nós também, Joaquim Juliano, precisamos lutar para defender o nosso legítimo direito. Está bem, o fiscal já chamou pra trabalhar, vamos trabalhar. Logo à noite vão em minha casa que eu quero mostrar a vocês um jornal do povo que pede a renúncia do general Dutra." (As.) Joaquim Rodrigues Leão.

OS TRABALHADORES DE URUGUAIANA APOIAM O AUMENTO DE 100% NOS SALARIOS

URUGUAIANA, (R. G. do Sul) — "Ao deputado Diógenes Arruda: Os trabalhadores de Uruguaiana, sem distinção de profissões, credos politicos ou filosóficos, vêm à presença de vossa excia., digno representante do povo, hipotecar nossa inteira solidariedade na questão do aumento de 100 por cento nos salários, única medida razoável no momento para minorar nossa aflitiva situação econômica, agravada ultimamente de forma assombrosa." (As.) Maria José da Silva Vieira, Constantino Rodrigues da Rosa, Osfila M. Leão e centenas de outras assinaturas.

ESPOLIADO, PRÊSO, ESPANCADO E EXPULSO DA TERRA

IRAJÁ, ESTRADA MONSENHOR FELIX, 583 (D.F.) — Exmo. sr. cap. Luiz Carlos Prestes — Senador pelo Partido Comunista do Brasil, digníssimo Cavaleiro da Esperança. O Brasil foi elevado pelo grande Amor e patriotismo e a gestão gloriosa de vossa excelência, como um dos primeiros magistrados da nação brasileira e benemérito cidadão. Lanço a mão na pena para fazer uma queixa a vossa excelência. Morei 20 anos no Estado do Espírito Santo, em Chave de Sátiro, nos terrenos do sr. Luiz Severino Ribeiro Nunes, onde formei lavoura a meia e a minha mãe era empregada doméstica do senhor Severino. Falecendo o senhor Severino, veio um genro dêle, o sr. Dodofredo Alves, tomar conta da fazenda. Em virtude do usocapião êle roubou a cêrca e pôs os animais na minha lavoura, que devoraram tôda a plantação e, devido às provocações do sr. Dodofredo, fiz queixa em São João do Muqui. Na delegacia fui detido umas três horas pelo Delegado de Polícia. O sr. João Litier certificou-se de que fui ao Juiz em Caxoeiro do Itapemerim e de nada adiantou. Daí uns dias o sr. Dodofredo, de acôrdo com o delegado de Polícia, escondeu uns animais no mato e disse que eu tinha roubado os animais. Fui então preso e espancado pela Polícia e disseram que lugar de comunista é na Rússia, não no Brasil. Fui ao promotor, em Cachoeiro de Itapemerim, êle me encaminhou à delegacia para fazer o laudo. Depois foi feita a pericia, os autos foram entragues ao Doutor Valdemar Mendes de Andrade. Uns dias depois eu perguntei a êle em que tinha ficado o processo; disse êle que tinha dado em nada. O sr. Dodofredo continuou a me perseguir e fui expulso do lugar por êle e pela Polícia de Muqui. Saí só com a roupa do corpo. Depois que eu saí derrubou a casa onde eu morava. por aquí termino. (As.) Altober Nilo Brasil.

ENFÊRMO E NÃO ENCONTROU ASSISTÊNCIA

BAURÚ, S. PAULO — Escrevo estas linhas para vos dar as minhas condições de vida. Eu, Lázaro G. Rosa, operário da firma Anderson Clayton Cia. Ltda., fui empregado 20 anos dessa firma, fábrica de óleo. Alí esgotei minha saúde. Então, depois de enfermo, entrei a ser certificado pelo IAPI. Ainda estava enfermo, no mesmo estado, quando foi cortado o meu benefício, desde fevereiro até agora, 20 de junho de 1947. Eu tinha êsse pequeno benefício de Cr$ 333,00. por mês. O médico da Caixa do IAPI atestou que eu já estou capaz para a minha profissão, sendo que me acho completamente doente. Sou pai de 4 filhos, já estamos sentindo necessidade de tudo. Então fui ao Departamento fazer a minha reclamação. Disseram que não tinham nada com isto. Então fui ao promotor público. Disse-me que também não tem nada com isto, que é com o Departamento. E eu sou a vitima. Saudações. (As.) Lázaro G. Rosa.

Política Internacional

O FRACASSO DO "PLANO MARSHALL"

Aumenta a Agressividade Imperialista

Os acontecimentos dos últimos dias, no campo internacional, definiram melhor os verdadeiros objetivos da política anglo-americana contra a independência dos povos. Mostraram mais claramente que os Estados Unidos estão dispostos a ir avante nos seus propósitos de avassalamento de outros países tanto mais ràpidamente quanto crescem as dificuldades internas na própria América e a crise cíclica do capitalismo já é considerada inevitável.

Na semana passada assistimos à farsa da nova Conferência de Paris, para discussão do "plano Marshall" e da qual estiveram ausentes todos os países que querem firmemente manter sua independência e soberania. Vimos que essa Conferência foi apenas mais uma cortina de fumaça para encobrir a política de dominação de países necessitados de ajuda econômica pela única potência capitalista em condições de fornecer meios materiais para a reconstrução da Europa, subordinando, entretanto, esse fornecimento de auxílios à aceitação de imposições que significam pràticamente a submissão econômica e política de numerosos países europeus ao imperialismo ianque.

Não se trata de uma simples hipótese. O Ministro do Exterior da Inglaterra, sr. Bevin, no seu último discurso afirmou que "a Gran Bretanha apenas poderá manter sua independência da corrente do dólar produzindo mais carvão, o que lhe permitirá fazer uma promessa concreta de produtos capitais que a Rússia necessita para a sua reconstrução". Acrescentou que "com abundância de carvão, a Gran Bretanha poderá comprar alimentos e não depender tanto de "zona do dólar".

E se a Inglaterra, com todo o seu Império ainda intacto, embora fortemente abalado, se considera em perigo diante da política financeira americana, qual será a situação de países como a França, a Itália, Holanda, para não falar dos países europeus que não possuem colônias?

O governo sente tão concretamente o perigo dessa submissão aos Estados Unidos que se apressa a renovar seu acôrdo com a União Soviética, que, segundo os últimos telegramas, lhe fornecerá trigo suficiente para as suas necessidades.

No entanto, quando acordos semelhantes com a URSS são feitos pela Tchecoslováquia ou a Polônia, a Bulgária ou a Rumânia, os imperialistas vêem nisso "imposições da política russa».

Não é só a Inglaterra que se mostra temerosa da preponderância americana em sua vida interna e, consequentemente, nas colônias e domínios, de que os Estados Unidos se apresentam como legítimos herdeiros. Surgem os primeiros temores por parte da França, provocando o que os correspondentes americanos consideram "o primeiro cisma dentro da concórdia cimentada com a abstenção da Rússia".

E' que o "plano Marshall", plano imperialista que é, subtende a "colaboração" da própria Alemanha para a reconstrução da Europa. O principal responsável pela guerra de agressão ficaria assim em pé de igualdade com as Nações agredidas e que foram devastadas pela onda nazista. Neste sentido, o líder comunista francês Maurice Thorez lançou a grave advertência de que a inclusão da Alemanha no "plano Marshall" significa um atestado de óbito das reparações de guerra por parte do agressor às suas vítimas.

Essa advertência de Thorez é feita justamente quando as manobras imperialistas para ressurgimento dos "trusts" e monopólios alemães se traduz numa declaração do governo americano na Alemanha, general Lucius Clay, que declarou ter recebido instruções de Washington segundo as quais "a economia alemã se ajustará ao "plano Marshall". O general Clay admite que "essa nova orientação americana representa um afastamento pelos Estados Unidos do acordo de Potsdam", em outras palavras dá à Alemanha todas as possibilidades para uma remilitarização em grande escala, voltando a pôr em perigo mais uma vez a Europa e o mundo.

Esta decorrência do "plano Marshall" é tão inevitável que o representante do governo francês na Conferência de Paris lançou também seu protesto contra a inclusão da Alemanha no referido "plano", suscitando a "primeira divergência" na obrigatória unanimidade daquele conclave. E', no entanto, uma divergência tão séria que as próprias agências americanas se mostram francamente pessimistas sobre o sucesso do "plano Marshall", cujo fracasso podemos considerar inevitável, pois é certo que mesmo os países participantes da atual Conferência de Paris acabarão repudiando a tutela ianque.

E não é por outro motivo que o imperialismo volta com maior agressividade a levantar a questão dos Balcãs, com novas provocações guerreiras através da Grécia, onde dominam militarmente, apoiando um governo monarco-fascista contra o povo grego. Não é por acaso que os últimos telegramas informam que os Estados Unidos decidiram enviar uma nova "missão militar" à China, sob a chefia do general Wedemeyer, para "consolidar as posições americanas no Extremo Oriente". Não é por acaso, tampouco, que se apressam os preparativos para a Conferência do Rio de Janeiro, na qual os imperialistas americanos esperam ganhar mais terreno para a opressão dos povos da América Latina.

E' tudo um plano de dominação "pacífica" do mundo que os imperialistas ianques tratam de executar.

"Os americanos serão expulsos da China como o foram os japoneses" — acaba de declarar o rádio da zona chinesa libertada da ditadura de Chiang Kai Shek e na qual vivem mais de 140 milhões de chineses. Esta é a convicção dos povos europeus em relação a seus respectivos países. E' também a nossa convicção, firme, inabalável, e que nos anima a lutar com vigor crescente contra as manobras dos imperialistas americanos e seus agentes em nossos país.

"O Pior Inimigo é o Imperialismo..."

(Conclusão da 1.ª pág.)

nista, e declara (segundo a agência ianque) que, para o Brasil o perigo iminente "é o fascismo disfarçado de ditadura militar. Ademais, no govêrno do país só há uma realidade política: o Estado Maior do Exército".

Entretanto, o sr. Amoroso Lima admite que a influência norte-americana "estimulou os nosso generais a fecharem o Partido Comunista e póde estimulá-los a dar o próximo passo, isto é, fechar os partidos democráticos não comunistas e suprimir as liberdades civis."

O sr. Amoroso Lima é insuspeito para fazer esta afirmação, conhecido líder católico que é há muitos anos em nosso país, sendo que, na própria entrevista, mostra claramente a distância que o separa dos comunistas.

Segundo a U.P., "na entrevista do sr. Amoroso Lima êste expressou que o fechamento do Partido Comunista do Brasil é um êrro que, eventualmente, criará no país um ambiente favorável aos comunistas".

Isto é verdade, pois as massas se esclarecem dia a dia sôbre os verdadeiros objetivos dos que mandaram fechar e dos que fecharam o Partido Comunista. As massas ficaram conhecendo melhor quem são os anti-comunistas sistemáticos. Os trabalhadores e o povo sabem que os imperialistas ianques, — os mandantes — e o grupo fascista do govêrno — os mandatários — visam aumentar a exploração do nosso povo, visam dominar as nossas principais riquesas, visam finalmente reduzir-nos a uma simples colônia ianque. As massas já sabiam, e antes mesmo do fechamento do Partido Comunista, que os comunistas lutam pelo progresso, pela democracia, pelo bem-estar do povo. Por isso apoiavam o Partido Comunista, cujas fileiras engrossavam dia a dia e, nas urnas, conforme salienta Prestes na sua entrevista, demonstravam cada vez maior confiança nos candidatos comunistas.

Agora, que Dutra se fez ditador à frente de um pequeno grupo de generais fascistas que não ousam sequer falar em nome do Exército, as grandes massas populares compreendem, com Prestes, que o que é preciso fazer é exigir a renúncia imediata do Ditador, a volta à legalidade democrática, o restabelecimento da normalidade constitucional. Compreendem porque o grupo fascista do govêrno forja, através de um de seus agentes, o Ministro da Justiça, sr. Costa Neto, um monstruoso processo contra Prestes.

Daí a determinação crescente de luta contra a Ditadura, a convicção, que já está ganhando as grandes massas, da necessidade inadiável de impedir que o grupo fascista leve avante seu tenebroso plano e consiga liquidar as últimas liberdades democráticas. Daí a confiança depositada pelo povo, e em particular pelos trabalhadores, no seu líder máximo — Luiz Carlos Prestes.

DEVE SER COMPATÍVEL COM AS...

(Conclusão da 8.ª pág.)

em "organização" das fôrças armadas latino-americanas, o que subentende, no caso, a criação do Estado Maior Geral, com autoridade sôbre tôdas as fôrças armadas nacionais, amarrando-as, dessa maneira, ao Estado Maior de Washington.

Contra a possível aprovação do Plano Truman, na próxima Conferência do Rio, contra êsse "pan-americanismo" imperialista, devem se erguer as amplas massas do povo brasileiro, todos os patriotas que amam a independência de nossa terra, os militares, que não transigem no respeito às gloriosas tradições democráticas do nosso Exército. A ditadura Dutra será obrigada, então, a recuar, antes de cometer mais êsse monstruoso crime de vende-Pátria.

Movimento De Ajuda à "A Classe Operária"

APELAMOS PARA TODOS OS LEITORES E AMIGOS NO SENTIDO DE IMPULSIONAR A CAMPANHA DE AJUDA

Cresce dia a dia o movimento de ajuda a A CLASSE OPERARIA. Os trabalhadores e homens do povo compreendem a necessidade de proporcionar meios para que continui vivendo o seu querido semanário. Reconhecem n' A CLASSE OPERÁRIA o mais legítimo defensor dos interêsses das grandes massas populares, seu guia político, o porta-voz dos grandes ideais de emancipação dos trabalhadores. Reconhecem n' A CLASSE OPERARIA o combatente de tôdas as horas contra a tirania, contra o fascismo, contra a ditadura, pelo progresso da Pátria e o bem-estar do povo.

E' esta compreensão que explica a abnegação de numerosos operários e homens e mulheres do povo, que se sacrificam para que viva o seu jornal.

Em números anteriores d' A CLASSE OPERARIA publicamos as últimas contribuições que nos foram enviadas em listas de amigos dêste jornal. Hoje divulgamos outras, bem como as demais iniciativas destinadas a intensificar o trabalho de ajuda.

ASSINATURAS — Continua em ascenso o movimento de assinaturas d'A CLASSE OPERARIA. De vários Estados, antigos assinantes renovam suas assinaturas e conseguem novos assinantes.

Um amigo e agente d' A CLASSE OPERARIA em Jaboticabal, São Paulo, José Retondini, acaba de nos comunicar ter batido o "record" individual de assinaturas naquele Estado, conquistando 52 novas assinaturas em menos de um mês. Retondini faz jús assim a uma assinatura gratuita d' A CLASSE OPERARIA e, como já é êle mesmo assinante, deve comunicar-nos em nome de quem deseja que enviemos a assinatura gratuita.

AGENTES DISTRIBUIDORES — Um dos nossos agentes vendedores no Distrito Federal e que há apenas um mês iniciou a venda avulsa d' A CLASSE OPERARIA, tendo iniciado com 300 exemplares, passando na semana seguinte para 500, acaba de nos pedir que sua quota seja aumentada para 700 exemplares.

Renovamos o apêlo já feito aos amigos d' A CLASSE OPERARIA para que alarguem os Circulos de Amigos do nosso jornal, procurando cada Amigo intensificar a campanha de assinaturas e venda avulsa.

Atendemos aos pedidos de fornecimento de qualquer número de exemplares para venda avulsa.

DÉBITOS — A todos os vendedores d' A CLASSE OPERARIA que tenham débito com êste jornal comunicamos que devem procurar liquidar os mesmos com a máxima urgência, através da Distribuidora Anteu.

COLEÇÕES — Estamos capacitados a fornecer coleções d' A CLASSE OPERARIA em dois tipos: encadernadas — Cr$ 250,00; brochuras — Cr$ 125,00. Essas coleções compreendem 16 meses de circulação d' A CLASSE OPERARIA, desde 9 de março de 1946 até a

(Conclui na 6.ª pág.)

o leitor escreve

SÔBRE CASAS POPULARES E ALFABETIZAÇÃO

SANTO ANGELO (Rio Grande do Sul) — Caro companheiro Luiz Carlos Prestes — Com a presente, em meu nome e no de meu irmão Benony venho lhe hipotecar inteira solidariedade em tudo o que até hoje o nosso grande mestre deliberou e, ainda mais, em tudo o que daquí para diante o companheiro deliberar. Os reacionários locais, em sua quase totalidade fascistas conhecidos, tentaram festejar o fechamento do Partido Comunista do Brasil, com um churrasco de confraternização, porém como o lombo dos mesmos não estava assegurado, resolveram devolver a carne ao açougueiro.

"Aquí em minha cidade, que aliás á bem conhecida pelo companheiro, num dos subúrbios denominado "Paubate", vivem em condições idênticas a suínos em chiqueiros cerca de 150 famílias de operários, com os filhos nús, atolados no barro fétido e subnutridos. Enquanto isso o sr. Dutra fala em casas populares. Onde estão elas? Até quando o operário irá habitar essas malocas imundas? Até quando o operário viverá sem assistência social e educacional? Falam em alfabetização de adultos, quando nem a juventude êles alfabetizam. O govêrno, em primeiro lugar, deve é alfabetizar os seus professores. Eles não dizem a verdade aos alunos. Não dizem que o Brasil é uma colônia americana. Não dizem que no Brasil o povo pobre está morrendo de fome. Não dizem que o nosso Exército, está armado com o refugo do armamento americano e muitas outras coisas que os futuros soldados do Brasil devem saber.

Abraçamos afetuosamente o companheiro. Tudo pela volta à legalidade do Partido Comunista! Tudo pela grandeza real do Brasil! (As.) Flory Ramos de Aguiar e Benony Ramos de Aguia (operários em construção civil).

UMA FAMILIA NA MISÉRIA

VICENTE DE CARVALHO (D.F.) — Sr. Redator d'A CLASSE OPERÁRIA. Remeto-vos minha situação. Sou ex-funcionário público, onde perdi 14 anos servindo à Nação, sendo vítima da ditadura do sr. Getúlio Vargas, porque com um decreto reacionário, com base na lei 284, fui para a rua, a 13 de junho de 39, por exceder a idade e não poder me inscrever nos concursos de efetivação, não reconhecendo assim o tempo de serviço.

Estou hoje desempregado, com 8 filhos menores, onde a mais velha conta 14 anos e vive doente numa cama. Trabalho por minha conta em costura, isto mesmo sem achar trabalho. Vivemos assim oprimidos 10 pessoas, numa casa de quarto e sala, na estrada Vicente de Carvalho, Vaz Lobo. Nunca recebi auxílio do govêrno. Trabalhamos para dar de comer, e muito mal, às crianças, que nem ao menos podemos botar na escola, por não serem registradas e nem termos recursos para educá-las. Não pertenço a nenhum sindicato nem instituto, Vivemos assim vegetando, descontrolados, porque perdi tôda a minha mocidade servindo à nação sem resultado. Saudações. (As.) Arlindo Dantas Dias.

CONVERSA DE CAMPONESES COLONOS

AGUA SUMIDA, MUNICIPIO DE PIRAJÚ, S. PAULO — Os camponeses colonos, na hora do almoço, enquanto almoçavam, diziam as seguintes palavras: o sr. Martins Ferreira: "Minha situação de vida é péssima. Meu salário não dá nem para sustentar minha família. Em minha casa não se come mais nem carne nem pão. Estamos sempre sem calçados e eu trabalho de escuro a escuro".

Respondeu Alfredo de Lima: "Eu também pela mesma forma. Faço força e economia para passar com 300 cruzeiros mensais. Em lugar de pão, eu como mandioca assada, sem falar nas outras necessidades."

Respondeu o sr. Manuel Pedro: "Eu então não posso nem falar. Nós em casa somos 5 bocas, para passar com 300 cruzeiros, comprando tudo no barracão durante 30 dias. Veja que vida amarga eu passo com meus filhinhos, tudo pequeno."

Disse o José Gustavo: "Nós em casa somos 9 bocas, eu minha mulher e 7 crianças. Trabalho das 5 até as 18 horas, tenho por mês 600 cruzeiros, mas pela carestia não dá este ordenado. Minha família passa falta de muita coisa. Para falar verdade, as crianças não têm nem coberta para se cobrir durante a noite."

Responde D. Josefa: "Os senhores pelo menos estão com saúde, e o pobre do meu marido que se acha doente, precisa consultar e não tem 30 cruzeiros para o médico e a farmácia com que pagar? O que ganha não dá para comer. E uma vida de sofrimento."

Respondeu o Joaquim Rodrigues: "Em minha casa somos 8 bocas, tenho salário de 600 cruzeiros por mês. Faço compra para passar 30 dias. Vinte dias depois da compra já não tenho nada em casa para comer. Para esperar o outro pagamento, preciso que eu e minha família comam feijão com fubá, sem falar na falta de roupa e calçado. Quando estamos passando bem, estamos comendo feijão e arroz puro-puro. O que nós precisamos para combater esta miséria é de terra para trabalhar. Tanta terra que não tem cultivo, aquí mesmo no município. Na margem do rio Feio tem tanta terra bôa! Se apanhasse-mos aquelas terras, que fartura! A gente plantava feijão, arroz, verdura, fazia fartura em nossa casa para sustentar nossa família e ainda fornecia à cidade cereais de mais necessidade, aves, verdura, etc., criar porcos, engordar porcos, emfim a vida seria outra."

Disse o Joaquim Juliano: "Isto é que é difícil".

Repeliu Joaquim Rodrigues: "Nós precisa é quebrar êsse cabresto destes fazendeiros que nos prende e nos arrasta para o lado da fome. Nas eleições nós precisa é escolher os nossos candidatos para que faça um govêrno que realize o programa do povo. Nas eleições de 45 eu vi na cidade, colado nas paredes, uns folhetos onde se lia que o general Dutra era símbolo de honestidade, defensor dos trabalhadores, mas depois que êle subiu, já com dois anos de govêrno, não conseguiu nada de melhor para nós. Nós temos muito democrata lutando pela defesa da democracia e pela defesa do povo, e estes sinceros democratas é que nós devemos acompanhar e outros mais que lutam como o João Amazonas, deputado eleito pelo povo, o deputado Milton Caires, que tão bem luta pela

(Conclui na 2.ª pág.)

O X.º CONGRESSO NACIONAL DOS ESTUDANTES

Está se realizando, nesta capital, o X.º Congresso Nacional dos Estudantes. Como de costume, encontram-se reunidas delegações das escolas superiores de todo o país.

As entidades representativas dos estudantes brasileiros, sem pisar no terreno da política partidária, têm, entretanto, mostrado combatividade, quando se trata da defesa das liberdades democráticas. Os congressos universitários já possuem mesmo uma tradição que ano a ano se reafirma. Essa tradição não é a da neutralidade absoluta e passiva diante dos acontecimentos políticos, o que equivaleria a suicídio e, na prática, só poderia invalidar todo o movimento em pról das reivindicações econômicas e propriamente educacionais. Ao contrário, os estudantes têm sabido ligar o seu movimento de reivindicações a uma posição de luta pela democracia, pela liberdade de pensamento, de expressão e de organização.

Os congressos universitários desempenharam um papel importante na época do Estado Novo, quando furavam o bloqueio da censura ditatorial e se manifestavam com energia pela nossa ativa participação na guerra, pela realização de eleições e pela restauração das liberdades elementares do cidadão.

O X.º Congresso Nacional dos Estudantes se realiza uma fase das mais graves da nossa História: a ditadura que os estudantes combateram, durante a guerra, volta a dominar e ameaça com uma onda de terror e violencias. A situação econômica se tornou muito mais grave e atinge seriamente a juventude universitária, que procede, em sua grande maioria, da classe média. Um exemplo da reação estudantil contra êsse descalabro aí está no movimento dos universitários carioca, contra o aumento das taxas.

Honrando as tradições dos congressos anteriores, o X.º Congresso saberá certamente, levantar com energia as reivindicações de ordem econômica e educacional da juventude das escolas e, ao mesmo tempo, reafirmar a sua posição em defesa da liberdade democrática violada pelos golpes de um pequeno grupo ditatorial.

O Papel Imperialista Do Banco Schröder

Por A. LEONIDOV

Da revista "TEMPOS NOVOS" — (Copyright da Inter-Press)

— II —

(CONCLUSAO DO NÚMERO ANTERIOR)

Nessa ocasião, a Inglaterra salvou o imperialismo alemão, no plano político, fazendo fracassar a campanha de Poincaré. A partir desta data começa a estabilização econômica e política do imperialismo alemão, a marcha triunfal da reação alemã, por etapas sucessivas: governo social-democrata, Brünning, Hindenburg e Hitler. Os empréstimos e operações de troca do Banco Schröder salvaram o Truste do Aço, cuja situação financeira havia se tornado desesperadora devido a infração.

Daí por diante, o banco londrino não operaria mais por Hamburgo, velho centro comercial da Alemanha, que havia conservado a firma paterna: "Schröder Irmãos e Cia.", mas por Colonia, centro financeiro da industria pesada alemã. Aí tambem os Schroeder tinham ligações de familia. Eles as aproveitaram assim que, conforme a lei do imperialismo, este agrupamento passou da fase do capital puramente bancário para a etapa superior do capital financeiro. A historia dos Schröder é tão edificante do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista da política internacional.

O grande banco particular I. C. Stein, fundado em 1790, existia em Colonia pelo menos até a queda de Hitler em 1945. Seu presidente era o Barão Kurt von Schröder. O nome deste barão está gravado em letras de ouro na história do partido hitlerista. Foi graças ao seu concurso que Hitler assenhoreou-se do poder em 1933. Foi com efeito o barão Kurt von Schröder que, com Papen e Schacht, organizou a conferência de Hitler com os magnatas do Ruhr, no curso da qual estes últimos decidiram levar os fascistas ao poder, fornecendo fundos a Hitler e enveredando pelo caminho que conduziu à segunda guerra mundial. O barão Schröder, que tinha como socio o doutor Heinrich von Stein, era membro do Conselho de Administração do Truste do Aço. Schroeder desempenhou um papel de primeiro plano neste negocio, o que fez com que Hitler o levasse a categoria de "Standartenführer SS."

Assim como Tyssen e os outros representantes da oligarquia financeira e industrial alemã, êle viu o futuro sob um aspécto diferente. Estes gangsters da finança alemã desejavam ligar a Inglaterra ainda mais estreitamente à Alemanha, "abrir um caminho para Leste", construir um "bloco ocidental", cuja ponta deveria estar dirigida contra a União Soviética. Foi nesta época precisamente que foi concebida a idéia dêste bloco, tendo como centro o Rhur, "o coração da Europa". Esta orientação conduziu a Munique.

O barão Kurt von Schröder é neto do barão Heinrich von Schröder, fundador do banco anglo-alemão "J. Henry Schröder". Saído da mesma dinastia, trata-se de um parente de seus representantes londrinos. O Banco Schröder era, em Londres, o agente oficial do Banco Stein. Isso dispensa comentários.

Mas isto ainda não é "tôda a verdade", como se diz na Inglaterra. Para se avaliar o papel internacional dêsse amálgama financeiro contemporaneo, é preciso levar em conta ainda um de seus elementos, hoje em dia o principal.

A Alemanha foi sempre a fonte e o principal objetivo da atividade do Banco Schröder. A Inglaterra é seu quartel general oficial. Mas são os Estados Unidos, centro do capitalismo mundial contemporaneo, quem fizeram dêste banco a fôrça que êle representa hoje, após a segunda guerra mundial. Os fios que o Banco Schröder estendeu até os Estados Unidos lhe asseguraram os meios financeiros e sobretudo políticos para levar avante seus planos de grande envergadura. Sem estas ligações, o Banco Schröder não teria podido jamais, após a queda da Alemanha, influenciar seriamente na economia e na política mundiais. Agora, entretanto, êste banco desempenha um grande papel.

Mais exatamente, o Banco Schröder tornou-se ele proprio o instrumento do qual outros tiram as vantagens, com os mesmos objetivos e no mesmo sentido, bem entendido. O grupo financeiro anglo-alemão tornou-se o "comparsa subalterno" da oligarquia monopolista, mais poderosa e superiormente organizada que áge atualmente em escala mundial.

Trata-se então da terceira e a mais jovem filial do grupo Schröder e notadamente da "J. Henry Schröder Banking Corporation" de Nova York e dos que estão por traz dela.

IV

Cinco anos após o fim da primeira guerra mundial, o Banco Schröder de Londres, levando em consideração a nova correlação de forças na arena mundial, realisava um novo ato de expansão. Imitando seu ancestral de Hamburgo que se instalara em Londres, ele proprio se estabeleceu em Nova York. Uma sucursal do banco londrino foi então aberta em Nova York. Este fato se produzia precisamente quando se levantou pela primeira vez a questão do financiamento da indústria alemã em vasta escala, á expensas de capitais inglêses e americanos.

O Banco Schröder de Nova York teve uma ascenção que pode ser considerada como vertiginosa mesmo para um estabelecimento financeiro de primeira ordem. Isto se explica, aliás, pelo fato de que, sob os auspícios da firma inglêsa, um acôrdo foi estabelecido com certos grupos financeiros americanos. A essa altura cumpre mencionar a Casa Sullivan and Cromwell, escritório de Nova York que desempenhou um papel de primeiro plano na ocorrência. Esta firma é presidida pelos irmãos Dulles, bem conhecidos. Êste fato merece, por si só, que se detenha um pouco sôbre êste "escritório", sem rival no mundo.

Existem nos Estados Unidos advogados que se ocupam exclusivamente da organização de grandes transações financeiras. A atividade dêstes advogados tem muito pouca relação com a dos homens da lei. São advogados milionários e seus escritórios em nada se parecem com simples escritórios de advogados, pois são consórcios jurídicos dispondo de pessoal numeroso, com sucursais em diferentes cidades e mesmo em diferentes países. Êles têm agentes nas diversas instituições políticas e administrativas; possuem seus homens de confiança na imprensa e nos partidos políticos, etc.. Na realidade, êstes escritórios não passam de serviços *politicos* internos dos trustes monopolistas, escritórios que se ocupam, nos bastidores, dos negócios destes trustes.

Êles se apresentam em cada caso onde, por uma razão ou por outra, seus patrões julgam inoportuno figurar diretamente. Arranjam as coisas de modo a que tudo seja irrepreensível do ponto de vista legal. Êles são uma espécie de traço de união entre seus clientes e os líderes dos partidos políticos. Seus representantes têm entrada franca nos gabinetes ministeriais e nos dos altos funcionários. Servem de intermediários no tráfego que se opera entre as diversas correntes do Congresso. Desempenham um papel decisivo nos partidos quando se trata da escolha de candidatos aos postos ministeriais e mesmo da escolha do Presidente; exercem também sua influência sôbre a nomeação dos funcionários e embaixadores; asseguram a adoção de leis "necessárias"; desencadeiam grandes campanhas políticas por intermédio dos diretores de jornais, de jornalistas e de "técnicos da propaganda" com os quais são em parte ligados. Imensos recursos são postos a sua disposição. Êles figuram igualmente na qualidade de intermediários nas negociações entre os diferentes grupos e emprêsas monopolistas; aprontam os "detalhes" do financiamento de tal ou qual grande negócio. São enfim *diplomatas* privados dos trustes e monopólios. Por seu intermédio é que é realizada a política externa dos monopólios da finança e da indústria. Êles detêm os fios das ligações políticas e diplomáticas dêstes grupos monopolistas com o estrangeiro.

Levando em conta o anonimato do capital monopolista moderno, estas agências "jurídicas" são insubstituíveis. Seus proprietários, que amassaram enormes fortunas, figuram êles próprios como diretores dos trustes aos quais estão ligados. Em regra geral, fazem parte de seus conselhos administrativos. Existem muitos escritórios dêste tipo em Nova York, mas a firma mais importante e a mais influente é incontestavelmente a casa Sullivan and Cromwell.

Muitas páginas interessantes da história política e econômica da América poderiam ser escritas com a documentação que se poderia tirar dos arquivos desta firma que, oficialmente, trata de "direito de sociedades anônimas e direito internacional". O fundador desta firma, William Nelson Cromwell, que nos fim do século passado, no período da ascenção impetuosa dos trustes americanos, tornou-se célebre pela habilidade com a qual revestia de uma firma jurídica impecável e inatacável os trustes de extorsão e rapina, foi notoriamente um dos organizadores do Truste americano do Aço. Foi com sua ajuda que o canal do Panamá passou das mãos de uma companhia francêsa para as dos americanos. Êle participou da criação do monopólio anglo-americano do níquel, a "International Nickel Company" a qual, muito recentemente ainda, estava bastante interessada na exploração das minas de Petchenga.

Êste honorável gentleman faleceu aos 95 anos, em 1945. No curso das últimas décadas, John Foster Dulles, homem público americano, é o verdadeiro chefe da Casa Sullivan and Cromwell.

V

John Foster Dulles é um importante personagem do mundo dos negócios e da política nos Estados Unidos. Seria difícil precisar a profissão dêste homem. Êle é jurista, financista, industrial, escritor, diplomata, oficial reformado, um dos chefes do Partido Republicano, líder das igrejas protestantes, filantropo e conferencista. Muito antes da primeira guerra mundial o Departamento de Estado o nomeára secretário da Conferência da Paz em Haia. Em 1917, se o encontra na qualidade de "agente especial" do govêrno americano encarregado de missão na América Central. Dois anos depois, é conselheiro do Presidente Wilson na Conferência da Paz em Versalhes (seu irmão Allen Dulles fazia igualmente parte da delegação americana). Em 1919, é delegado à comissão aliada para as reparações e junto ao Conselho Econômico Supremo Aliado, onde colabora com Hoover.

Daí por diante, John Dulles participa de numerosos negócios financeiros e políticos internacionais. Êle intervem na "estabilização financeira" de pelo menos nove países, que o dólar sustentava na época. É um dos autores do plano Dawes com a ajuda do qual Schacht e Cia. drenaram divisas para fornecer à Alemanha. Conselheiro do govêrno polonês em 1927, ao tempo em que se levá a cabo a reforma financeira naquele país. Se o encontra a seguir como principal advogado dos credores americanos quando da falência escandalosa do rei dos fósforos, o sueco Ivar Kreuger. Em 1933, após a tomada do poder por Hitler, Dulles é delegado americano à conferência para a regulamentação das dívidas alemãs no estrangeiro. Muito recentemente ainda, John Dulles se apresentou como advogado de Franco em um processo julgado perante um tribunal norte-americano. Êle é o principal conselheiro jurídico e diretor do monopólio internacional do níquel, International Nickel Company. Seu nome figura enfim entre os membros dos conselhos de administração de inúmeras outras grandes firmas.

Tudo isto não é mais do que o lado "jurídico", por assim dizer, da atividade de John Dulles. Seu papel na vida pública do país é bem conhecido. Êle é um dos líderes do Partido Republicano e o porta-voz reconhecido de sua política exterior. E' igualmente o amigo e braço direito de Thomas Dewey, líder dêste partido e seu candidato nas últimas eleições presidenciais. Diz-se mesmo na América que John Dulles é o animador de Dewey, que êste último não toma nenhuma decisão sem o consultar e mesmo que os textos dos discursos e declarações públicas feitos por Dewey no curso da última campanha eleitoral foram redigidos por Dulles. Ninguem duvida nos Estados Unidos de que se Dewey fôsse eleito Presidente, John Dulles receberia a pasta de Secretário de Estado.

Sabe-se ademais que John Dulles participou de muitas conferências internacionais de após-guerra, notadamente na qualidade de "conselheiro geral" da delegação americana à Conferência das Nações Unidas em São Francisco, na primavera de 1945; conselheiro de Byrnes à sessão do Conselho de Ministros de Negócios Estrangeiros, em Londres, no outono de 1945, e delegado americano à Sessão da Assembléia Geral da ONU, em Nova York, em 1946. (Nota da redação: Posteriormente, John Dulles foi o acessor de Marshall durante a última reunião de Moscou, do Conselho de Ministros de Negócios Estrangeiros).

John Dulles ocupa igualmente uma situação mercante nos meios da Igreja protestante, o que tem grande importancia para fixar o seu papel na política interna americana. Há dez anos é presidente da "Comissão para uma paz justa e duradoura", criada pelo Conselho Federal das Igrejas, órgão central dos protestantes americanos.

Existem, entretanto, aspectos menos conhecidos da atividade pública de Dulles. Afirma-se que êle deu seu apôio ao "Comitê America First", organização central dos fascistas americanos que, no início da guerra, empreendeu uma propaganda desenfreada em favor da Ale-

(*Conclui na 7.ª pág.*)

O Roteiro Indicado pela III.ª Conferência do PCB

Há um ano atrás, realizava-se, no Rio, a III.ª Conferência Nacional do Partido Comunista do Brasil.

A III.ª Conferência teve uma grande importância na história do P.C.B. e na história da política nacional.

Depois de vinte e três anos de luta clandestina, em que tantos cairam heròicamente nas ruas e nos cárceres, era a primeira vez que os comunistas realizavam uma conferência pública e legal, embora num ambiente já então carregado das provocações do mesmo grupo fascista, que conduziu o país, agora, de retorno à ditadura.

A III.ª Conferência reuniu cerca de uma centena de delegados e de membros do Comitê Nacional, que, democràticamente, discutiram os mais importantes problemas do país e do Partido. A grande assembléia foi assistida pelos mais notáveis intelectuais brasileiros e por delegados dos partidos comunistas de Cuba, Argentina, Uruguai e Chile. O seu desenrolar foi acompanhado com imenso interêsse pelas grandes massas do povo brasileiro, um interêsse antes desconhecido em relação a acontecimentos políticos dessa natureza.

Da III.ª Conferência sairam três resoluções fundamentais: 1.º) a conquista de uma Constituição Democrática; 2.º) a criação da central sindical nacional; 3.º) a consolidação da imprensa popular em todo o país. Os comunistas podem se recordar com orgulho, que essas três tarefas foram plenamente cumpridas, porque a todas elas dezenas de milhares de militantes souberam dar o seu trabalho entusiástico e as massas o seu indispensável apoio.

Hoje, porém, verificamos que a Constituição democrática, promulgada a 18 de setembro de 1946, foi violada e rasgada. A Confederação dos Trabalhadores do Brasil, nascida de um grande congresso de cerca de três mil delegados de todos os sindicatos, foi ilegalmente fechada pelo grupo Dutra-Alcio Souto-Pereira Lira. A imprensa popular tem sofrido intimidações, ameaças e violências, inclusive o brutal empastelamento de um jornal, na Bahia, por um bando de oficiais fascistas, que enxovalharam a farda do Exército e que continuam impunes.

Mas os grandes objetivos democráticos, que os comunistas resolveram atingir na sua III.ª Conferência, não foram conquistados somente pelos comunistas, mas, ao mesmo tempo, por milhões de homens e mulheres do povo, que hoje adquiriram mais um precioso ensinamento para a sua vida política. Milhões de homens e mulheres do povo vêem, com indignação, os atentados da ditadura e, dia a dia, se mobilizam com maior energia para impedir a consumação de novos atentados e para reconquistar a legalidade democrática.

Durante a III.ª Conferência, Prestes, o grande dirigente comunista e líder popular, teve ocasião de advertir que a democracia, no Brasil, tinha uma de suas principais debilidades no baixo nível de organização das amplas massas. Este ensinamento ainda hoje deve ser lembrado, porque explica um dos motivos do êxito temporário alcançado pelo grupo fascista.

Aproveitemos a lição de Prestes e trabalhemos incansàvelmente para organizar o povo brasileiro, colocando-o à altura das difíceis missões, que agora lhe confia a História.

1 — HISTÓRIA DA BANCADA COMUNISTA NA CAMARA FEDERAL (Conclusão do n.º anterior). — As eleições de 19 de janeiro, reforçando essa bancada com dois novos deputados eleitos por S. Paulo, significaram a aprovação do povo à sua corajosa atuação.

2 — Foram também, para a reação e os restos do fascismo, o toque de reunir para impedir a marcha da democracia e o progresso da Pátria. Contra o avanço da democracia impunha-se o fechamento do glorioso Partido Comunista do Brasil, imposto pelo imperialismo ianque.

3 — Mas embora fechado seu Partido, os comunistas continuaram no Parlamento a lutar pelo povo. Diógenes Arruda, o dinâmico dirigente comunista, ocupou com honra seu lugar na tribuna e é através de sua voz que os trabalhadores clamam hoje: 100 porcento de aumento!

4 — Pedro Pomar, também eleito pelos trabalhadores e pelo povo de São Paulo, ocupando o cargo de 4.º Secretário da Mesa, luta contra a Ditadura quando denuncia o Plano Traman como uma armadilha para escravizar o nosso povo e para reforçar a reação em nosso país.

5 — José Maria Crispim repetiu na Câmara, muitas vezes, sabatinas como a em que derrotou o padre Sabola de Medeiros, em São Paulo. Na Comissão de Constituição e Justiça, da qual é membro, inicia o desmascaramento das manobras para a cassação dos mandatos comunistas.

Um Golpe Mortal Na Nossa Indústria De Azoto, o Acôrdo Comercial Com o Chile

FICARÁ PARALIZADA UMA USINA QUE JÁ CONSUMIU 100 MILHÕES DE CRUZEIROS — O DITADOR DUTRA SÓ TOMOU CONHECIMENTO DO ACÔRDO DEPOIS DE ASSINADO

O Chile é o maior produtor de salitre na América, e é natural que procure vendê-lo nas melhores condições possíveis. O Brasil precisa de salitre, pois pràticamente não o possue, e é natural que trate de adquirí-lo. Ora, um dos objetivos da recente visita do presidente do Chile ao nosso país foi precisamente vender-nos salitre em grande quantidade e ao melhor preço para a indústria de seu país.

Mas, como em qualquer acôrdo comercial, e não podemos condenar o presidente Videla por isso, o Chile cogitou de se assegurar um tratado que lhe fôsse o mais vantajoso. Expôs suas condições, como nós o faríamos se fôssemos vender café ou erva mate ao Chile. Caberia ao govêrno do nosso país, se tivesse realmente o propósito de defender a nossa economia e a nossa própria soberania — que no caso foi jogada — fazer a contra-proimportar salitre chileno, enquanto não tivermos produção sufiposta, expôr também as condições mediante as quais podemos ciente para cobrir as necessidades do país.

No entanto, conforme salientou recentemente o deputado João Amazonas, em conferência na ABI, os interêsses do nosso país foram gravemente prejudicados com o tratado comercial assinado com o Chile. Uma das cláusulas do referido tratado estúi nem mais nem menos que o seguinte:

"*O govêrno do Brasil se compromete a não estabelecer usina ou usinas de fabricação de fertilizantes nitrogenados sintéticos, inclusive amoníaco e ácido nítrico sintético. Compromete-se assim o govêrno do Brasil a não dar facilidades, nem conceder privilégios ou proteção aduaneira a quaisquer pessoas de natureza pública ou privada para o estabelecimento de fábricas com o objetivo de que trata o parágrafo acima. Esses compromissos cessarão automàticamente, com aviso imediato à outra parte, desde que qualquer país do continente sul-americano inicie em seu território a fabricação de azoto sintético ou a construção de usina para êsse fim*".

Inicialmente, êste tratado, caso venha a ser aprovado pelo Congresso, significará um golpe de morte na nossa indústria de salitre sintético, pois, segundo se informa, o Tesouro Nacional já inverteu 100 milhões de cruzeiros numa grande usina de azôto sintético que a Nitro Química está montando em S. Paulo. Quer dizer, essa usina terá suas obras suspenças e não poderá funcionar senão daqui a três anos, prazo que durará o acôrdo. No entanto, segundo se calcula, deveria estar funcionando dentro de ano e meio.

Ficaríamos assim, em qualquer emergência, na dependência exclusiva da produção de salitre chileno, inclusive no caso de guerra, quando a nossa indústria de explosivos poderia ser liquidada em pouco tempo, com a suspensão dos embarques de salitre do Chile.

Mas não só em relação aos explosivos, principalmente pólvora, ou aos adubos para agricultura ficaríamos prejudicados. Seriam abaladas também as nossa indústrias de tecidos e de corantes, de metais e até alimentícia.

É verdade que o sr. Gonzalez Videla procurou tirar o melhor proveito no tratado comercial com o Brasil, visando assegurar o mercado de salitre do Chile. Mas não é menos verdade que tanto o nosso país como o Chile ficaram à mercê das grandes emprêsas imperialistas norte-americanas, que poderão amanhã liquidar pràticamente com as próprias vantagens conseguidas pelo Chile, bastando para isso instalar uma fábrica de azôto sintético em qualquer dos países da América do Sul. É claro que quando por motivos econômicos e mesmo políticos o capital financeiro norte-americano desejar golpear a indústria de salitre natural do Chile, consegui-lo-á fàcilmente, pois sabemos que a produção de azôto sintético é muito mais barata que a sua extração do salitre. E certamente fariam isto, caso não estivessem os imperialistas ianques entre os principais interessados nas explorações do salitre chileno, das quais controlam 50 por cento e através do qual mantêm sua poderosa influência sôbre a economia do Chile. Quer dizer, através do tratado que assinámos com o govêrno daquêle país estamos também nos submetendo a imposições do capital monopolista americano.

Qual o caminho que deveríamos seguir, no caso?

Não póde haver outro senão aquêle que garante a defesa da nossa soberania nacional, mediante a defesa da nossa indústria. Enquanto necessitarmos, devemos procurar adquirir o salitre do Chile, que é um país amigo, mas sem matar a indústria do nosso próprio país, sobretudo quando já possuímos uma soma não despresível — 100 milhões de cruzeiros — invertido numa usina de azôto sintético.

Mas é indiscutível que só será possível uma efetiva política de defesa da nossa indústria por um govêrno que mereça a confiança da nação e não um govêrno impopular como o do sr. Gaspar Dutra, pois, segundo escreveu o sr. Humberto Bastos num órgão oficioso do Catete, o jornal "sadio" "Diário Carioca", o sr. Dutra só tomou conhecimento do acôrdo econômico com o Chile depois de assinado.

É, como se vê, o império da irresponsabilidade administrativa, a inépcia elevada ao seu último grau, a capitulação total do govêrno Dutra aos agentes do imperialismo em nossa pátria, aos interessados em liquidar a nossa indústria para satisfação de interêsses impatrióticos. E é visando a retificação de tratados como êsse pelo Congresso que o grupo fascista do govêrno trata de desmoralizar o Parlamento, de cassar mandatos, como acaba de fazer com o do Senador Euclides Vieira, trata de processar o senador Prestes e o deputado Pomar e impõe a "extinção" dos mandatos dos representantes comunistas.

Ante fatos como êste, cabe ao nosso povo manifestar-se cada vez mais altivamente e com maior firmeza e exigir a única solução compatível com a situação a que chegamos — a renúncia de Dutra.

A Nacionalização Da Nossa Indústria De Petróleo Será Um Golpe Nos Trustes Imperialistas

O PROJETO DA BANCADA COMUNISTA NA CÂMARA VISA SALVAGUARDAR OS INTERÊSSES NACIONAIS DA GANANCIA DA STANDARD OIL E OUTRAS EMPRÊSAS ESTRANGEIRAS

A bancada comunista na Câmara Federal continua, na presente legislatura, a obra iniciada na Assembléia Constituinte e que lhe valeu a admiração e o respeito de todos os democratas e patriotas, mas também, como é natural, o despeito e o ódio da reação, dos restos fascistas e das fôrças imperialistas.

Isto porque a ação da bancada comunista tem se dirigido no sentido da defesa dos interêsses do povo contra os especuladores, contra os homens do mercado negro e contra os trustes e monopólios estrangeiros.

É, não há dúvida, uma séria ameaça aos lucros extraordinários o projeto do deputado comunista Diógenes Arruda em favor do aumento de cem por cento nos miseráveis salários mínimos em todo o país.

É um golpe nas pretensões imperialistas, por exemplo, os projetos apresentados pelo deputado Carlos Marighella criando o Instituto Nacional do Petróleo e nacionalizando a indústria de refinação do petróleo, seja nacional ou importado.

Diante de iniciativas como estas, aumenta o furor dos agentes do capital financeiro ianque em nosso país e, consequentemente, se tramam novos golpes contra a Constituição e para eliminar as últimas liberdades democráticas, numa desesperada tentativa de calar a voz dos patriotas e defensores dos interêsses da Pátria. Então o sr. Dutra dá entrevista ameaçando os comunistas com a perda de mandatos dos seus parlamentares, que tanto obstruem os seus planos de escravização completa do nosso povo.

NACIONALIZAÇÃO DAS JAZIDAS DE PETRÓLEO

É visando impedir que êsses planos vão avante que, em nome da bancada comunista, o deputado Marighella apresentou êste mês o projeto que declara de utilidade pública o abastecimento nacional de petróleo, que completa o projeto anterior da criação do Instituto Nacional do Petróleo.

Ora, todos vemos com que ganância se lançam as emprêsas americanas, neste momento, tendo à frente a Standard Oil, para o contrôle dos nossos terrenos petrolíferos. É, ante a terrível ofensiva dos trustes internacionais, que tem feito o govêrno Dutra? Capitular somente, é a triste realidade. Mas com "meios legais" Dutra enterra a Constituição e mata a democracia, é também com a máscara dos falsos meios legais que quer entregar o nosso petróleo ao domínio ianque.

Neste sentido trabalha afanosamente uma Comissão de Legislação do Petróleo, tendo à frente o ex-Ministro da Agricultura Odilon Braga e como principal teórico do "entregacionismo" outro antigo Ministro da Agricultura, o sr. Juarez Távora. Note-se que, quando Ministros, nem um nem outro dêsses senhores nada fez pela exploração do nosso petróleo. Agora, entretanto, aparecem entre os mais entusiastas adeptos de sua exploração pelos norte-americanos.

Em números anteriores de A CLASSE OPERÁRIA desmascaramos a manobra governamental como uma traição aos supremos interêsses nacionais, de vez que a entrega das concessões para exploração do petróleo do nosso país à Standard Oil significaria simplesmente a intensificação do domínio imperialista sôbre o nosso povo, mediante o contrôle de uma das nossas principais fontes de riqueza em potencial, até hoje sistemàticamente sabotada em sua utilização em grande escala.

A fim de impedir a consumação do crime que se perpreta é que a bancada comunista da Câmara Federal apresentou o projeto de nacionalização da indústria do petróleo, que aqui reproduzimos:

Art. 1.º — É declarado de utilidade pública o abastecimento nacional de petróleo.

Parágrafo único — Entende-se por abastecimento nacional a produção, a importação, a exportação, o transporte inclusive a construção de oleodutos, a distribuição e o comércio de petróleo bruto e seus derivados, e bem assim a refinação de petróleo importado ou de produção nacional, seja qual fôr, neste caso, a sua fonte de extração.

Art. 2.º — É de competência exclusiva da União, através do órgão a isso destinado:

I — autorizar, regular e controlar a importação, a exportação, o transporte, inclusive a construção e utilização de oleodutos, a distribuição e o comércio de petróleo e seus derivados, no território nacional;

II — autorizar a instalação de quaisquer refinarias ou depósitos, decidindo da sua localização, assim como da capacidade de produção das refinarias natureza e qualidade dos produtos refinados;

III — estabelecer, sempre que julgar conveniente, na defesa dos interêsses da economia nacional e cercando a indústria de refinação de petróleo de garantias capazes de assegurar-lhe êxito, os limites máximo e mínimo dos preços de venda dos produtos refinados importados em estado final ou elaborados no país tendo em vista, tanto quanto possível a sua uniformidade em todo o território da República.

Art. 3.º — É [illegible] a indústria da refinação do petróleo importado ou de produção nacional, mediante a organização das respectivas emprêsas nas seguintes bases:

I — capital social constituido exclusivamente por brasileiros, em ações nominativas;

II — por sociedades ou companhias organizadas no Brasil e constituídas exclusivamente por sócios ou acionistas brasileiros em ações nominativas;

III — pela União através do órgão competente, em sociedades de economia mixta, com 51% das ações em poder do govêrno Federal, e das demais ações na conformidade dos ítens anteriores.

IV — direção e gerência de brasileiros, que, nos últimos 3 anos, não hajam exercido função de direção ou administração em emprêsas petrolíferas estrangeiras;

V — participação obrigatória de empregados brasileiros na na proporção estabelecida pela legislação do país.

Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrário.

COMO VIVE A "IMPRENSA SADIA"

N. da R. — Êste trecho do famoso livro de André Simone — "Derrocada de Uma Nação" — explica por que os jornalistas franceses ocupam hoje um lugar de destaque entre os fuzilados pelos tribunais de desnazificação de seu país, desde o fim da guerra. Explica também como o imperialismo alemão preparou o caminho para a dominação militar da França em 1940. E explica finalmente por que alguns órgãos da imprensa do Brasil, os jornais "sadios", se mostram hoje tão ardorosos na defesa do imperialismo ianque, precisamente quando se trata de impôr o "Plano Truman" à América Latina.

"A corrupção no parlamento e na imprensa desempenhou um papel significativo na derrocada da França. Certa vez, perante um comité de fiscalização, Daladier declarou que "80 % da imprensa francesa é subvencionada ou pelo govêrno ou por grupos industriais ou financeiros particulares". Dos vinte e cinco jornais diários publicados em Paris, quatro — *Le Temps*, *Le Journal des Débats*, *L'Information* e *La Journée Industrielle* — eram controlados pelos grandes industriais. Dez dos outros recebiam importante apoio financeiro das 200 Famílias; três estavam nas mãos de um fa-

(Conclui na 7.ª pág.)

IMPRENSA OPERÁRIA NO BRASIL

Sob o título acima, Astrojildo Pereira pronunciou esta semana uma conferência na Associação Brasileira de Imprensa, na série de conferências promovidas pela Comissão Central do Movimento de Auxílio à «Tribuna Popular».

O êxito da conferência foi completo. Mediante cobrança de ingressos a preços accessível, Cr$ 5,00 por pessoa, e com o leilão de um número raríssimo de um jornal operário, o qual rendeu Cr$ 650,00, a Comissão Central de Auxílio à «Tribuna Popular» contiua a oferecer uma boa experiência em trabalho de massa que merece ser aproveitada na luta atual contra a ditadura e pela volta à legalidade democrática.

Mais uma vez o povo carioca demonstrou compreender quanto é justa essa luta na maneira como está sendo dirigida, prontificando-se a apoiar os jornais que se batem pelos mais altos interêsses do nosso povo e, assim, repudiando na prática a «imprensa sadia», os jornais que apoiam a reação e as manobras imperialistas.

Quanto à conferência propriamente dita, foi a mais completa rebusca na história da imprensa operária do Brasil, que nasceu há mais de um século, com o aparecimento do jornal «O Socialista», em 1845, em Niterói. Desde então, surgem nas diferentes províncias do Império numerosos jornais de operários, de tendências as mais diversas, predominando a influência anarquista. Esses jornais, entretanto, sem exceção, mesmo depois do advento da República, tiveram vida efêmera e morreram, muito deles, quase sem deixar sinal de sua existência.

Refletiam as debilidades do movimento operário em nosso país, a falta de um verdadeiro proletariado, ainda hoje, na sua grande maioria, prêso à pequena indústria e influenciado pelo semi-feudalismo que predomina no campo. Eram geralmente jornais de grupos operários, precisamente pela falta de homogeneidade da classe operária. Estavam as mais das vêzes influenciados pelas ideologias dos inimigos da classe operária e — sua principal debilidade — não expressavam a ação de um partido realmente operário, de um partido que visasse levar à prática os ensinamentos dos fundadores do marxismo.

Tiveram por isso curta vida. Faltava-lhes o apoio da parte mais evoluída, mais consciente politicamente dos trabalhadores.

Daí o êxito d' A CLASSE OPERARIA, surgida em 1922, quando o Partido Comunista já havia sido organizado. Apesar de tôdas as suas debilidades, A CLASSE OPERARIA tinha um rumo definido, tinha objetivos, sabia por que lutava. Enxergava a necessidade de lutar pela unidade sindical dos trabalhadores, representava já êsse anselo e a compreensão de que sem unidade de ação a classe operária continuará esbulhada em seus direitos, explorada na sua fôrça de trabalho. Ao mesmo tempo, pregava a unidade política do proletariado, com o Partido Comunista à frente.

Eis porque os trabalhadores acorrem hoje, com um elan desconhecido no passado, pressurosos para ajudar os jornais que defendem seus direitos, suas reivindicações mais sentidas, fazendo sacrifícios, multas vêzes, a fim de que êsses jornais contiuem vivendo, apesar dos golpes da reação e das imensas dificuldades que enfreniam e continuarão a enfrentar enquanto a liberdade de imprensa não seja simples palavra, mas um fato concreto, isto é, quando os trabalhadores puderem dispor livremente das fábricas de papel e das máquinas que imprimem os jornais.

6 *Em Jorge Amado têm os intelectuais brasileiros o seu mais talentoso representante na Câmara. Foi iniciativa sua a concessão de isenção de direitos para importação de papel para livros, abrindo caminho para maior popularização da cultura no país, uma grande conquista.*

7 — *A bancada comunista é a única que possui representantes da gloriosa FEB na Câmara Federal. O major Henrique Oest e o ex-sargento Gervásio Azevedo têm sabido defender brilhantemente as reivindicações mais justas dos ex-combatentes, com um número considerável de projetos.*

8 — *No deputado Agostinho Oliveira têm os "soldados da borracha", os nossos sacrificados concidadãos que emigraram para a Amazônia, um defensor constante. Tôda a sua trágica histôória foi denunciada ao país como um crime pelo deputado Agostinho Dias de Oliveira.*

9 — *O povo está às portas da fome. Esta afirmação [illegible] provada com dados objetivos pelo deputado Claudino José da Silva e, principalmente, pelo deputado Alcedo Coutinho, tratando de problemas como a alimentação e a habitação e saúde das grandes massas do povo.*

10 — *O recente projeto de nacionalização das jazidas de petróleo, de autoria de Carlos Marighella, encontra-se entre muitos outros com que os comunistas visam salvaguardar as nossas riquezas da cobiça dos imperialistas. Seu autor se encontra entre os mais destacados parlamentares.*

DOS CLASSICOS

O Socialismo e a Guerra

Conclusão

Por V. I. LENIN

A GUERRA DE 1914-18 (1), UMA GUERRA IMPERIALISTA — Quase todo o mundo reconhece que a guerra atual é uma guerra imperialista, mas geralmente êste conceito é deturpado; uns o admitem somente para alguns grupos beligerantes, outros acham que há possibilidade de que esta guerra tenha um caráter burguês-progressista e de libertação nacional. O imperialismo é o mais alto grau de desenvolvimento do capitalismo, não atingido senão no século 20. O capitalismo se sentia angustiado dentro dos limites dos velhos Estados nacionais, sem a formação dos quais não teria podido derrubar o feudalismo. O capitalismo produzia ao mesmo tempo uma tal concentração de riqueza, que ramos inteiros da indústria se encontram em mãos de sindicatos, trustes, associações de capitalistas multi-milionarios. O globo terrestre quase inteiro se encontra dividido entre êstes "reis do capital", em forma de colônias ou de outros mil meios de exploração financeira.

A liberdade ou concorrência comercial foi substituida pela tendência ao monopólio, à conquista de terras estrangeiras, para a inversão de capitais, para a exportação de matérias primas, etc. E o capitalismo, que em sua luta contra o feudalismo foi libertador de Nações, se transforma, na época imperialista, no maior opressor de Nações. O capitalismo foi para a humanidade um elemento de progresso, mas atualmente já é, para ela, um elemento de reação. Desenvolveu de tal modo, em tôda parte, a fôrça produtiva, que atualmente a humanidade se encontra diante dêste dilêma: Ou passar ao socialismo ou então sofrer, ainda durante muitos anos, os horrores das lutas armadas entre as "grandes" potências pela conservação artificial do capitalismo por meio de colônias, de monopólios e de opressões nacionais de todo gênero.

A GUERRA ENTRE OS PRINCIPAIS PROPRIETARIOS DE ESCRAVOS PELA CONSERVAÇÃO E FORTALECIMENTO DA ESCRAVIDÃO — Para que se compreenda o verdadeiro sentido do imperialismo, citamos dados exatos sôbre a divisão do mundo efetuado entre as "grandes" potências (isto é, as que realizaram com êxito a grande guerra):

Este quadro nos ensina como precisamente as Nações que no periodo de 1789 a 1871 lutaram à frente das demais pela liberdade, se transformaram atualmente, depois de 1876, graças ao desenvolvimento do "super-amadurecimento" do capitalismo, em Nações que têm sob seu jugo a maioria dos povos e das Nações de todo o mundo. De 1876 a 1914, seis "grandes" potências se apoderaram de 25 milhões de quilômetros quadrados, isto é, de um espaço duas vezes e meia maior que a Europa. Seis potências oprimem uma população de 523 milhões de habitantes nas colônias. A cada quatro habitantes das "grandes" potências correspondem cinco habitantes de "suas" colônias. E ninguém ignora que as colônias foram conquistadas a sangue e ferro, que os indigenas, (trabalhadores nativos) são tratados com a maior crueldade e explorados de mil maneiras (por meio da exploração do capital, por meio de concessões, de trapaças na venda de mercadorias, de submissão às autoridades da Nação "dominante", etc., etc.)

A burguesia franco-inglesa ilude os povos dizendo que leva a cabo uma guerra de libertação da Bélgica e de todos os povos; na realidade, faz esta guerra para conservar as colônias de que se apoderou com uma cobiça sem limites. Os imperialistas da Alemanha teriam deixado livre a Bélgica, se os ingleses e os franceses tivessem concordado em repartir com êles "fraternalmente" suas colônias. O que há de especial na situação atual é que esta disputa pelas colônias se realiza com uma guerra no continente. Do ponto de vista da justiça burguesa e da liberdade nacional (isto é, do direito de viver das Nações), a Alemanha terá indiscutivelmente razão contra a Inglaterra e a França, porque se possui colônias, seus inimigos as possuem em maior números, dominando muito mais Nações do que ela e, no que diz respeito à sua aliada a Austria, os escravos que se encontram sob seu dominio têm indiscutivelmente muito mais liberdade do que na Rússia tsarista, que é uma verdadeira "prisão de povos". Mas a Alemanha tampouco luta pela libertação dos povos, porém para dominá-los. E não corresponde aos socialistas a tarefa de ajudar a um bandido mais jovem e mais vigoroso (a Alemanha) a despojar outros bandidos mais velhos e mais fartos. O que devem fazer os socialistas é aproveitar a luta dêsses bandidos para liquidar com uns e outros. Com êste objetivo, os socialistas devem dizer a verdade aos povos; que esta guerra não é mais que uma guerra de escravocratas para reforçar a escravidão, e isto sob três pontos de vistas: Primeiro: porque tem por objetivo reforçar a escravidão nas colônias mediante uma divisão mais "justa" e ulterior exploração mais "amistosa" das mesmas. Segundo: porque tem por objetivo reforçar a servidão dos povos estrangeiros no próprio seio das grandes potências, pois esta servidão é para a Rússia (2) e para a Austria (para a Rússia ainda mais que para a Austria) necessária à sua própria existência; com a guerra, esperam reforçar ainda mais, se é possível, esta servidão. Terceiro: esta guerra deverá fortalecer e prolongar a escravidão do escravo assalariado, pois esmaga e divide o proletariado, enquanto os capitalistas, pelo contrário, saem ganhando com a guerra, excitando os preconceitos nacionalistas e intensificando a reação, que, devido à guerra, levanta a cabeça em todos os paises, mesmo nos mais livres e mais republicanos.

---

(1) — Lenin trata aqui da guerra de 1914-1918, e embora escrevendo ainda no inicio da mesma, em 1915, enxergava os verdadeiros objetivos dos dois bandos em choque.

(2) — A Rússia tsarista era considerada pelos comunistas da própria Rússia como "uma prisão de povos", pois as nacionalidades da periféria, como a Armênia, Geórgia, Ucrânia, Rússia Branca não tinham direitos e viviam exploradas pelo regime tsarista. Somente com a Revolução de Outubro de 1917 conseguiram sua auto-determinação dentro da União Soviética, estando hoje entre os povos mais adiantados do mundo.

A FOME DO POVO...

(Conclusão da 2ª pág.)

tendo, porém, uma agricultura baseada no latifúndio. A crise alimentar é geral no país, mas, inegavelmente, atinge em menores proporções os três Estados do Sul.

E' necessário, realmente, modernizar a agricultura brasileira. De nada, porém, adiantarão os tratores, se o camponês não tiver a propriedade da terra, sentindo, assim, o necessário estimulo pela sua conservação, pelo aumento e melhoria qualitativa da produção. Não possuindo a terra, trabalhando quase gratuitamente, ameaçado sempre do despejo, tratará a terra pelos meios mais rudimentares, que vão paulatinamente destruindo a sua fertilidade e o rendimento médio do trabalho.

O rendimento médio, por hectare de 1930 a 1944, aumentou, nacionalmente, de 6%. Isto, num periodo de 14 anos, quando a agricultura, nos paises civilizados, deu á frente passos de gigante. Mas, se o rendimento médio aumentou ligeiramente, no conjunto, dos produtos agricolas, no que se refere a alguns gêneros, precisamente gêneros alimentícios, êsse rendimento sofreu enorme diminuição. E' o que nos mostrara o quadro abaixo, extraido de estudos estatísticos do sr. Rafael Xavier.

RENDIMENTO MÉDIO POR HECTARE

Ano	Banana (cachos)	Batata (quilo)	Cana de açucar (tonelada)	Feijão (quilo)	Mandioca (quilo)	Milho (quilo)
1932	1.400	9.100	45	900	17.800	1.550
1942	998	5.800	39	857	13.013	1.300

SÔBRE A PECUARIA

Finalmente, um tópico ligeiro sôbre a pecuária, porque também aí não podem encontrar argumentos os defensores do latifúndio. Se é verdade que Minas Gerais possui o maior rebanho bovino do país, com 7.768.245 cabeças, o Rio Grande do Sul não lhe fica muito atrás, com 7.460.705 cabeças, colocando-se longe de São Paulo, que possui 3.174.453 cabeças e da Bahia, cujo rebanho é de 2.740.273 cabeças.

Queremos ressaltar, porém, o caso da criação de suinos, que, no Brasil, com raras exceções, é uma atividade *marginal* da agricultura e, por isso mesmo, a ela se dedicam muito mais os pequenos proprietários do que os grandes proprietários territoriais. O dono do latifúndio pouco se preocupa com a criação de porcos e, frequentemente, o proíbe aos seus rendeiros ou colonos.

O total de suinos, por cabeça, nos Estados em foco, era o seguinte, em 1940: Bahia — ..... 1.045.443; Minas — 2.563.142; São Paulo — 2.671.138; Paraná — 1.477.428; Sta. Catarina — . 1.224.126; Rio Grande do Sul — 3. 168.860. Mais uma vez, proporcionalmente levam grande vantagem os três Estados sulinos.

A REFORMA AGRÁRIA NA CONSTITUIÇÃO

A fome do povo brasileiro torna inadiável reforma agrária. Não a reforma agrária, que o senador Apolônio Sales preconiza, levantando falsos argumentos, sem base nos dados estatísticos e falando na mecanização como se fossemos os Estados Unidos, que, muito antes de atingirem a etapa do emprêgo de máquinas na agricultura, dividiram a terra, muito bem dividida, entre os pioneiros e seus descendentes.

A reforma agrária sem a multiplicação da pequena propriedade será sempre uma farsa. Está claro que, ao lado disso, é preciso cuidar da assistência técnica, do crédito barato, da garantia de venda dos produtos a preços compensadores, etc. Mas, em primeiro lugar, é preciso dar terra aos camponeses brasileiros, ao invés de deixá-los na servidão, em que se estiolam, enquanto o govêrno traz imigrantes caríssimos da Europa.

A Constituição Federal não consagrou a divisão dos latifúndios, como propôs a bancada comunista. Mas, no seu art. 156, fala na fixação do homem no campo, estabelecendo planos de colonização e de aproveitamento das terras públicas, dispositivo que é suficiente, se aplicado num conjunto de medidas complementares, para repetir, em todos os Estados do país, a experiência dos Estados do sul. Mas a própria Constituição Federal ainda oferece margens de maiores avanços, na base do seu art. 147, que declara ser o uso da propriedade condicionado ao bem-estar social. Que existe de mais nocivo ao bem estar social, no Brasil, do que o latifúndio?

Algumas constituições estaduais foram, porém, mais adiante do que a Constituição Federal, no sentido de definir medidas de reforma no campo. A constituinte gaúcha aprovou a seguinte emenda da bancada do P. C. B.: — "O Estado promoverá planos especiais de colonização, para uma justa distribuição da propriedade, sempre que a medida fôr pleiteada por mínimo de cem agricultores sem terras de determinada região". A Constituição paulista consagrou, no seu art. 110, que o Estado facilitará a aquisição da propriedade rural aos que quizeram explorá-la por conta própria como pequenos proprietários, e, no parágrafo 11º do mesmo artigo, declara o seguinte: — "O Estado, promoverá a desapropriação das terras inaproveitadas a fim de as lotear, de preferência nas regiões de maior densidade demográfica e dotadas de melhores vias de comunicação".

Tudo isso representa um passo á frente no sentido da reforma agrária, que poderá se realizar constitucionalmente, se os destinos do país forem entregues a um verdadeiro govêrno de confiança nacional, capaz de se guiar pelas aspirações imediatas do povo brasileiro.

RESPOSTA
à sua pergunta

O Comunismo e a Miséria Das Massas

Jornalistas norte-americanos como o sr. Walter Lippmann ou a sra. Thompson e seus repetidores mediocres na nossa "imprensa sadia" acabam de accentuar mais uma vez que a Rússia não aceita o "plano Marshall" porque deseja a miséria dos paises da Europa, a fim de dominá-los. Eis o que a êste respeito escreve o sr. Mark Sullivan:

"Admite-se quase como coisa corrente que a Rússia não deseja nem a restauração da Alemanha, nem a restauração da Europa, pois a miséria continuada torna os povos europeus mais susceptiveis ao comunismo e ao estabelecimento de govêrnos títeres dominados pela Rússia". ("Diário de Noticias", 6-7-1947).

Os porta-vozes da burguesia atribuem aos comunistas os métodos utilizados em todo o mundo pela própria burguesia imperialista. E, claro que se fosse verdadeira a tese burguesa aqui levantada, a imensa maioria dos povos da terra já teriam adotado govêrnos comunistas há muito tempo. Grande parte da China por exemplo, com mais de duzentos milhões de habitantes, não estaria mais sob a ditadura de Chiang Kai-Check, nem a India, com cerca de 400 milhões de habitantes sendo conjunto de povos mais infelizes do globo China e India não seriam de há muito pasto dos dois mais vorazes imperialismos: o americano e o inglês.

Se a tese burguesa aqui tratada fôsse verdadeira, os povos da América Latina estariam livres, há decênios, dos ditadores do tipo sul-americano e os trustes norte-americanos teriam sido expulsos de uma vintena de paises cujos povos vivem em condições econômicas quase primitivas, com um nivel de vida dos mais baixos do mundo.

Se fôsse verdadeira a tese burguesa, a URSS teria deixado os povos soviéticos mergulhados no atraso em que os encontrou a Revolução de 1917 e não seria hoje a grande potência socialista fiadora das esperanças de todos os povos amantes da liberdade e da paz duradoura e firme. Teria alimentado os choques, tradicionais sob o regime tzarista, entre os diversos povos que formam hoje a União Soviética, em vez de levar-lhes a paz e de criar condições para que entre êles existissem, como existem na atualidade, relações fraternas e de verdadeira solidariedade internacional, numa miniatura da convivência pacifica dos povos do futuro. Teria deixado predominar uma economia agrária atrasada, semi-feudal, em vez de revolucioná-la com a técnica mais moderna, transformando-a numa agricultura socialista.

Depois da derrota do nazi-fascismo no campo militar, que aconteceu com os países vizinhos da URSS? Seguindo as lições da guerra e libertando-se da opressão imperialista, os países do leste da Europa realizaram reformas verdadeiramente revolucionárias em sua estrutura, através de govêrnos de colaboração de classe e onde predominam os representantes comunistas da classe operária. Que visaram essas reformas? Precisamente dar uma vida melhor ás grandes massas dantes exploradas, sobretudo ás massas camponesas, em países que até há pouco ainda conservavam restos de feudalismo, como a Iugoslávia, a Bulgária, a Rumania, a Hungria. Hoje, dois anos apenas depois de terminada a guerra, êsses povos e mais os povos da Tchecoslováquia e Polônia reconstroem sua vida num ritmo verdadeiramente desconhecido e realizam planos econômicos cujo sucesso os próprios inimigos são forçados a reconhecer, apesar de lhes haverem recusado auxílios os govêrnos da Inglaterra e Estados Unidos.

Os "ideólogos" da burguesia vêem com particular espanto o crescimento dos partidos comunistas da América Latina. E da constatação de um fato tiram uma conclusão falsa: é a miséria que faz êsses partidos crescerem. Mas, podemos perguntar, então senhores anti-comunistas, por que tratais de aumentar essa miséria, em vez de fazerdes alguma coisa para acabar com ela? Ninguém poderá discordar do fato que o plano de Mr. Truman de nos enviar armas e munições ao invés de máquinas e navios), venha servir senão para reforçar govêrnos reacionários nesta parte do Continente, a fim de mais facilmente ser mantido o contrôle das emprêsas imperialistas sôbre a nossa economia. Não será com as armas de Truman que a miséria será liquidada no Brasil. Será o povo, miserável e faminto, quem vai lucrar com os negócios armamentistas, ou serão alguns senhores da Wall Street e outros, como Roberto Simonsen, Morvan Figueiredo e poucos mais?

Se os partidos comunistas se alimentassem da miséria das massas, como justificar sejam os comunistas os que mais apoiam os operários na sua luta por aumento de salários e melhores condições de vida? Como justificar que se batam pela reforma agrária, com a distribuição de terras a milhões de camponeses que vivem como servos?

O que é verdade é o seguinte: as massas pobres, miseráveis, na medida que se esclarecem politicamente, ganham a convicção de que os programas e palavras de ordens lançados pelos comunistas são justos e os únicos de acôrdo com a realidade. Daí apoiarem os comunistas em sua luta pela democracia e o progresso, como acontece atualmente em nosso país, onde as grandes massas vão dia a dia se convencendo de que é justa a exigência de lutar pela renúncia do ditador, pois a ditadura é responsável pelo aumento da miséria, pela situação angustiosa a que chegamos, com o nosso povo ás portas da fome e da completa escravização imperialista.

MOVIMENTO DE AJUDA À...

(Conclusão da 3.ª pág.)

última semana de junho próximo passado.

CARTÕES-POSTAIS — Estamos igualmente capacitados para atender a pedidos de cartões-postais de Carlos Marx, Frederico Engels, Vladimir Ilich Lenin, Joseph Stalin e Luiz Carlos Prestes. UM CRUZEIRO CADA. Atendemos a pedidos em qualquer número, pelo correio, através do reembolso-postal, de vale postal ou carta com valor declarado.

LISTAS — Pedimos aos portadores de listas de contribuições para ajuda a A CLASSE OPERARIA que intensifiquem o trabalho de coleta de fundos de amigos do nosso jornal, apressando a sua devolução à nossa Administração.

NOVOS ASSINANTES — Todos os que não dispuseserem de talões de assinaturas d' A CLASSE OPERARIA podem enviar a relação de novos assinantes em papel comum, com os endereços e importâncias respectivas, que serão atendidos imediatamente.

Ultimas Contribuições

Listas	Cr$
N. 541	55,00
N. 573	50,00
N. 832	122,00
N. 729	15,00
N. 781	30,00
De Alaor Guimarães Mendonça, por conta de lista em s/poder	140,00
Idem de Anastacio Pereira dos Santos	50,00
	462,00
Total publicado no n. 81	3.046,00
Total recebido até agora	3.508,00

O PAPEL IMPERIALISTA DO BANCO ANGLO-GERMANO-AMERICANO

(*Conclusão da 4.ª pág.*)

manha e contra a entrada da América na guerra. A êste tempo, John Dulles era certamente um partidário zeloso do isolacionismo.

Suas opiniões sôbre política externa são nitidamente agressivas. Êle não deixa escapar a menor ocasião para atacar a URSS e caluniar de maneira baixa ao povo soviético. Como prova disso, é suficiente lêr seu artigo publicado nos números de 3 e 10 de junho de 1946 na revista "Life", onde preconiza uma política de pressão militar, econômica e outra sôbre a União Soviética. Em seu discurso de 17 de janeiro de 1947, êle retoma suas divagações sôbre "as aspirações da União Soviética à hegemonia mundial". O lugar que John Dulles ocupa no campo da reação americana é pois perfeitamente evidente.

Allen Dulles, irmão mais moço de John Dulles, é um veterano do Departamento de Estado onde trabalhou de 1916 à 1926. Reingressou na diplomacia durante a segunda guerra mundial, para operar desta vez em um domínio todo especial, nos serviços de informações americanos da Europa. Nós falaremos ainda sôbre sua atividade neste domínio. Em sua qualidade de diplomata de carreira Allen Dulles participou igualmente de numerosas conferências internacionais. Em dado momento, foi chefe do Departamento do Oriente Próximo. Após sua demissão, e desde que se tornou oficialmente sócio do "escritório" de seu irmão, figurou como conselheiro da delegação americana à Conferência do Desarmamento de Genebra.

VI

A brilhante carreira dos irmãos Dulles, sua influência política e sua riqueza, o poder de seu "escritório", a Casa Sullivan and Cromwell, explica-se por suas estreitas relações com os milhardários norte-americanos Rockfeller, grupo monopolista dos mais poderosos dos Estados Unidos, cuja atividade e influência sobrepujam mesmo os outros grandes monopólios. São êles os donos do mais poderoso banco da América, o Chase National Bank, cujo balanço ascende a 4.700.000.000 de dólares.

Para todos os que conhecem a estrutura do capital monopolista americano, êste fato explica tudo ou quase tudo Dá, em particular, uma idéia da importancia dos capitais que estão por trás dêste "escritório". Êste fato explica ainda porque a influência dos Dulles é tão grande no seio do Partido Republicano.

E' público e notório que os dois partidos, tanto o Republicano como o Democrata, são sustentados e financiados pelos grupos dominantes de milhardários americanos, os quais, entretanto, têm entre si certas contradições, sobretudo quando se trata de repartir os lucros. Tais contradições terminam por vezes em conflito, em uma luta pelo monopólio de certos ramos da indústria, por tal ou qual "nuança" da política governamental, feita no interêsse da oligarquia financeira. Há momentos em que cada um dêsses grupos realiza o seu próprio jôgo.

Diz-se que a política do falecido Presidente Roosevelt contrariou muitas vêzes os interêsses da oligarquia financeira. Faz-se notar, nos Estados Unidos, que certos líderes do Partido Democrata, como por exemplo Thomas Lamont, Myron Taylor ou Edwar Stettinius, são os representantes diretos da dinastia financeira dos Morgan, velhos rivais dos Rockfeller, o que não os impede jamais de atuarem juntos em muitos casos. Particularmente interessados nos fornecimentos de guerra à Grã-Bretanha, os Morgan adotaram desde o início das hostilidades na Europa, uma atitude dirigida contra os isolacionistas republicanos. E' um fato incontestável que os Rockfeller e o grupo da Standard Oil ultrapassam, hoje em dia, os Morgan quanto à preponderancia dentro do Partido Republicano. Convem recordar a êste propósito o papel desempenhado por Winthrop Aldrich, membro da família dos Rockfeller e presidente do Chase National Bank, na direção e no financiamento do Partido Republicano. Ademais, John D. Rockfeller, hoje falecido, era membro dêste partido.

John Dulles é o braço direito de Dewey, líder do partido e candidato republicano ao posto de Secretário de Estado. E' igualmente um antigo membro do "Conselho dos Homens de Confiança" da Fundação Rockfeller, organismo financeiro original que opera sob a coberta de filantropia. A dinastia dos Rockfeller inverte centenas de milhões de dólares nesta Fundação para evitar de pagar certos impostos. De tempos a tempo, esta Fundação destina um certo número de milhões de dólares a certas universidades, escolas e outras organizações culturais. (Diz-se que, por êste meio, os capitalistas americanos têm em mãos a instrução pública e as ciências).

A Fundação Rockfeller constitui assim uma espécie de tesouro de reserva para êstes arqui-milhardários e não podem fazer parte de seu "Conselho de homens de Confiança" senão os íntimos da família Rockfeller.

E' daí que vem a fôrça e a influencia do "escritório" dos irmãos Dulles. Aí igualmente é que cabe procurar a explicação para a extraordinária prosperidade da sucursal novaiorquina do Banco anglo-alemão Schröder. Allen Dulles, irmão de John e ex-diplomata, ocupa há anos o posto de advogado-conselheiro e o de diretor de J. Henry Schröder Banking Corporation, sucursal novaiorquina dos Schröder de Londres, de Colônia e Hamburgo, Helmut Schröder de Londres é o presidente do Conselho de Administração da Schröder Banking Corporation. Assim que Allen Dulles, durante a guerra, foi enviado a Europa para organizar os serviços de informações americanos, foi imediatamente substituído no Conselho de Administração do Banco Schröder de Nova York por De Lano Andrews, outro sócio da firma Dulles.

Assim, muito antes da segunda guerra mundial, uma cadeia estava formada. Ela tinha por élos: o Banco anglo-americano-alemão dos Schröder, os reis da indústria do Rhur, os milhardários norte-americanos Rockfeller, reis do petróleo e esteios do campo da reação política nos Estados Unidos.

Do ponto de vista financeiro, o centro de gravidade desta combinação situara-se na América. Reservava-se aos outros membros o papel de comparsa de segunda ordem: todavia, a atividade dêste grupo estava orientada para a Europa: do ponto de vista econômico se visava a criação de um consórcio ocidental que se apoiasse sôbre a indústria pesada do Rhur, enquanto que do ponto de vista político procurava-se reforçar o imperialismo alemão como elemento combativo dêste sistema, *cuja expansão deveria estar orientada para Leste*. Estava então êste plano preparado desde longa data. Vemos que Chamberlain, Daladier e a camarilha muniquista de Cliveden não eram os únicos a agir neste sentido.

Como se sabe, tais planos fracassaram. Stalingrado os reduziu definitivamente a nada. O grupo representado pelo Banco Schröder preparou então uma nova empreitada, modificando um pouco sua linha estratégica. Esta manobra foi realizada no mais aceso da guerra.

O quadro das operações do Banco Schröder durante a guerra, apresentado sob a forma a mais reduzida, contem todos os elementos de um filme policial americano. Graças ao processo de Nurenberg, êste quadro póde ser enriquecido com dados documentários. Os que se sentem inclinados a não levar em consideração as intrigas das camarilhas monopolistas ou a não avaliar sua verdadeira significação, fariam muito bem em estudar atentamente os fatos, mesmo bastante incompletos, revelados no curso dêste processo.

VII

Desde antes da entrada dos Estados Unidos na guerra contra a Alemanha hitlerista, os serviços de informações americanos exerciam uma grande atividade na Europa, abrangendo os territórios ocupados pelos alemães.

Os representantes dêstes serviços americanos estavam em contacto com os elementos os mais disparatados que se diziam adversarios da Alemanha nazista. Mas, fato singular, via de regra tais elementos pertenciam ao campo reacionário, ou melhor, ao mais reacionário, ao grupo dos que tinham horror a todo movimento anti-fascista verdadeiramente popular. Em muitos casos a atitude negativa dêstes elementos em face da Alemanha hitlerista era bastante duvidosa.

Conhece-se, por exemplo, o jôgo político levado a cabo em Vichy por Robert Murphy, "observador" diplomático dos Estados Unidos, inicialmente com Petain e depois com o general Giraud. Tratava-se aparentemente de assegurar antes de mais nada a colaboração dos empedernidos reacionários francêses (compreendendo os que colaboravam com os fascistas), destinados a representar o papel de "salvadores da pátria". Desejava-se preparar as posições de modo que as fôrças democráticas e progressistas dificilmente pudessem desalojá-los no momento decisivo.

A atividade dêstes serviços de informações militares e políticas americanos (Bureau do Serviço Estratégico, conhecido sob o nome de O S S) era orientada menos contra o movimento anti-fascista, já que os militantes dêste movimento não desejavam uma libertação que resultasse na substituição de uma camarilha imperialista por outra. Êste foi o caso da França, em particular.

Durante a guerra, o centro dos serviços de informações americanos que operavam na Alemanha estava sediado na Suiça. Havia neste país numerosos agentes do O. S. S. dispondo de fundos e meios consideráveis. Allen Dulles, irmão mais moço de John Dulles, sócio da Casa Sullivan and Cromwell e diretor do Banco Schröder em Nova York era o principal agente do O. S. S. na Suiça. O processo de Nurenberg lançou alguma luz sôbre êste aspecto de sua atividade. O colaborador mais próximo de Allen Dulles no serviço de informações, era um outro diretor do Banco Schröder de Nova York, um certo Lada-Mocarski que, oficialmente, era vice-consul dos Estados Unidos em Zurique. Diga-se de passagem que Lada-Mocarski, banqueiro e espião, nasceu há 49 anos em Samarkand.

Esta nova e singular sucursal suiça do Banco Schröder realizava mais ou menos a mesma espécie de trabalho que Murphy na França; estabelecia o contacto com a oposição "anti-hitlerista" na Alemanha. Que espécie de "oposição" era esta? Oficiais reacionários, representantes da aristocracia prussiana e da alta roda da finança alemã, círculos que, tendo compreendido que Hitler havia perdido a guerra contra a União Soviética, tramavam a revolução palaciana. Tratava-se simplesmente de salvar o imperialismo alemão antes que fosse muito tarde, de aproveitar um momento favorável para substituir Hitler e assinar uma paz em separado com os aliados ocidentais.

Desde logo, o aliado de Allen Dulles na Alemanha era o grupo Schacht-Goerdeler que, dado a evidência da derrocada inevitável de Hitler, encontrou apoio entre os grandes industriais do Ruhr. Schacht era, ademais, um velho conhecido e parceiro de John Dulles, desde a época do plano Dawes. Ambos participaram de sua elaboração. Tomaram parte igualmente em numerosas negociações concernentes ao financiamento da Alemanha pela América. John Dulles visitou Berlim para tratar dêstes mesmos negócios em 1933. Sabe-se que Goerdeler veio a Londres antes da guerra anglo-germanica para estabelecer ligações clandestinas com os meios inglêses. Os documentos do processo de Nurenberg demonstraram que da Suiça, o Dulles mais moço manejava os cordeis a que Goerdeler estava ligado em 1944.

Tornamos assim ao velho projeto de acôrdo "ocidental" anglo-americano-alemão. E' interessante notar, entre outros, que entre os aristocratas prussianos que participaram diretamente do golpe de estado fracassado de Goerdeler, estava o Conde von Moltke, ligado por sua mulher aos Schröder.

O contacto entre estes grupos alemães e o escritório de Allen Dulles na Suiça era assegurado por Gisevius, representante notório do serviço de espionagem alemão dirigido pelo almirante Canaris. Êste Gisevius, que depôs no processo de Nuremberg, era simplesmente um agente dúplice.

Mas isto ainda não é tudo. Gerhard Westrick, advogado alemão, era o representante do "escritório" de John Foster Dulles na Alemanha. Westrick colaborava com a sucursal alemã desta firma onipresente, e trabalhava para diferentes emprêsas americanas na Alemanha. Dirigia os negócios do truste germano-americano da Companhia Internacional de Telégrafos e Telefones que tinha o barão Kurt von Schröder em seu Conselho de Administração. Westrick era igualmente vice-presidente da Focke-Wulf em Bremen, que executava os comandos de Goering. O barão Kurt von Schröder é encontrado entre os membros da direção desta firma.

Westrick era fascista. Seu irmão, Ludger Westrick, também advogado, foi um dos delegados especiais de Hitler junto à indústria de guerra, o que também foi mencionado no processo de Nuremberg. Em 1939 Ribentrop enviou Gerhard Westrick à América, na qualidade de adido comercial, a fim de estreitar as ligações com os meios isolacionistas, quer dizer com a ala direita do Partido Republicano, do qual um dos líderes é John Dulles. Aí também os fios da trama se juntam.

O Banco Schröder prosseguiu assim em sua velha política muniquista durante a segunda guerra mundial com a diferença que os fios partiam, desta vez, do bureau dos serviços de informações militares e diplomáticos americano, para reunir os reacionários alemães os mais empedernidos, os quais, tal como os ratos, fugiam do navio hitlerista que naufragava, torpedeado pelo Exército soviético.

A revolução palaciana tramada na Alemanha por Gisevius-Schacht-Goerdeler fracassou. Prosseguindo sua ofensiva as tropas soviéticas esmagaram definitivamente os bandidos hitleristas. Uma vez mais os planos do grupo Schröder e comparsas fracassaram.

Resta-nos examinar as "operações" do Banco Schröder em sua fase mais recente, após o término das hostilidades, quando, longe de cessar, estas operações ganharam um novo ritmo na hora atual, tanto em Londres como em Nova York e na Alemanha ocidental. Os métodos foram ligeiramente modificados, do mesmo modo que a fraseologia política, econômica e diplomática, mas as fôrças e os fins continuam os mesmos: pelo Ruhr e a "Federação da Europa Ocidental", pelo renascimento do potencial do imperialismo alemão, pelo bloco contra a União Soviética!

VIII

O exame do problema alemão pelas grandes potências entra agora em sua fase decisiva. Sabe-se qual é, nesta questão, a posição da União Soviética: ela reclama a democratização, a desnazificação, a desmilitarização e a unidade política da Alemanha.

Conhece-se, por outro lado, as recentes declarações feitas a respeito pelos representantes dos meios influentes inglêses e americanos. E' conhecida a campanha em favor do desmembramento da Alemanha e da separação de sua parte ocidental, industrial. Já se realizou até o que se denominou "a fusão econômica" das zonas inglesa e americana, mas quanto a desnazificação, está sendo feita de uma maneira bastante defeituosa. Os antigos donos da indústria pesada alemã retomam em suas garras o controle efetivo da produção. Êles são protegidos por "administradores militares" inglêses e americanos entre os quais contam-se também os *businessmen* (homens de negócios). Assim, o general Draper, chefe do Serviço Econômico da Administração Militar norte-americana na Alemanha, que tem em mãos toda a economia da zona americana, é um importante acionista do banco americano Schröder.

A quem obedecem estes administradores". Os Schröder e os meios ligados a êles já salvaram uma vez, após a derrota da Alemanha na primeira guerra mundial, os magnatas do Ruhr e lhes proporcionaram os meios para uma nova expansão imperialista. As manobras que se estão levando a cabo na hora atual nos círculos da indústria pesada alemã das zonas ocidentais de ocupação, indicam claramente que estamos em presença de novas tentativas dêste gênero.

Não é por acaso que Erns Poensgen foi nomeado diretor da indústria metalúrgica da Alemanha ocidental, o mesmo homem que foi diretor geral do truste alemão do aço e que fazia negócios com os Schröder de Londres. Muito recentemente, um outro antigo diretor dêste truste, Dinkelbach, foi nomeado presidente do conselho de tutela para os negócios da indústria do aço na zona britanica. A ponte entre Essen e Londres encontrou-se dêsse modo restabelecida. Não esqueçamos que o ramo alemão da família dos Schröder possui até hoje sua parte no Banco Schröder da Inglaterra (e por consequência da América). Êle opera por intermédio da Companhia Veritas em Hamburgo e em Londres, estabelecimento fictício considerado co-proprietário do banco da City. Os fios conduzem os Schröder alemães para todas as ramificações do oligarquia financeira alemã, cujas posições foram abaladas até os alicerces em 1945, mas que não depoz as armas e renovou sua aliança secreta com seus velhos amigos.

Não é por acaso que um dos Schröder alemães, o banqueiro de Hitler e Himler, o barão Kurt von Schröder, era ainda durante a guerra o representante da Alemanha no Conselho de Administração do Banco de Regulamentação Internacional de Basiléa, do qual participam todos os grandes bancos do mundo capitalista. O papel dêste banco nas maquinações políticas internacionais dos muniquistas foi considerável. Montagu Normann, a "eminência parda" de Chamberlain, diretor do Banco da Inglaterra, foi êle próprio um dos diretores do banco de Basiléa. Até muito recentemene, o americano Mc Kittrick era seu presidente, Mc Kittrick residiu na Suiça durante a guerra e participou, junto com Allen Dulles e Lada-Mocarski, dos conciliábulos secretos com os alemães. O mesmo Mc Kittrick, que possui uma grande experiência de maquinações internacionais a favor da Alemanha, foi nomeado, há alguns meses, vice-presidente do Chase National Bank de Nova York, principal bastião dos Rockfeller, aliados dos Schröder.

Gerhard Westrick, antigo procurador alemão desta clique e representante do "escritório" de Dulles na Alemanha, ocupa seu antigo posto. Preso durante algum tempo, foi colocado em liberdade pelas autoridades de ocupação da Alemanha ocidental e, da mesma forma que antes, trata de reforçar as ligações entre as emprêsas alemães e americanas. Mencionemos o fato de que os meios financeiros alemães tem suscitado com insistência nos últimos tempos os planos do fascista Rechberg, que projeta a transferência em bloco de 30% das ações de todas as emprêsas alemães aos industriais inglêses e americanos, a fim de atar assim definitivamente o capitalismo alemão ao dos anglo-saxões. A julgar pela distribuição das ações, advinha-se facilmente quais os elementos que dominarão nesta emprêsa, senão imediatamente pelo menos progressivamente.

A política é, como se sabe, a *expressão concentrada da economia*. Os esforços dos magnatas da finança internacional para consolidar sua base alemã sempre se revestiram de uma forma política determinada. A seu tempo, era a política muniquista. Preconizava-se abertamente a reaproximação entre as potências anglo-saxônicas e a Alemanha fascista. Em Londres, por exemplo, o Banco Schröder fazia parte coletivamente do famoso "Amicale anglo-alemão", organizado por Ribentrop para a propaganda hitlerista na Inglaterra. Tiarks, diretor do Banco Schröder, foi um dos membros mais ativos. Sempre, até o momento de sua queda, sustentou Chamberlain a sua política.

Procede-se hoje a uma mudança de roupagem. Chamberlain não mais existe, mas outros ocuparam o seu lugar. E' bem conhecida a nova campanha de Winston Churchill em favor da "Federação Européia" ou, pelo menos da "Federação Ocidental" que englobaria a Alemanha e antes de mais nada o Ruhr. Igualmente conhecido é o discurso do John Dulles, antigo sócio dos Schröder e, após a morte de Roosevelt, um dos que orientam a política externa dos Estados Unidos. Este discurso foi pronunciado em Nova York a 17 de janeiro de 1947, quer dizer, no dia seguinte ao da constituição em Londres por Churchill do Comitê Britanico da Europa Unida. São palavras de Dulles:

"A bacia do Rhur com seus recursos hulhíferos, industriais e humanos e, por sua natureza, o coração econômico da Europa ocidental. Esta região deve fornecer os meios de subsistência não somente aos alemães mas também aos vizinhos ocidentais da Alemanha. Se tal coisa se realizar, a Europa ocidental e seus duzentos milhões de habitantes poderá, pelo menos, se desenvolver, prosperar, tornar-se uma terra mais estável".

Segue-se a fórmula da organização da Europa ocidental federalizada, "à moda americana".

Que é isto senão a quintessência do velho "projeto realista" do grupo Schröder, êste polipo financeiro do imperialismo alemão com o qual conservou, pelo espaço de muitas gerações, ligações de parentesco muito próximas? Êle ligou seu destino ao da indústria pesada alemã bem como tornou-se um orgão da City e o parceiro menor dos milhardários de Wall Street. E' precisamente pela extraordinária concentração *internacional* do capital financeiro, que age por intermédio dos Schröder, que cabe explicar o poderio do grupo privado que opera nos círculos da política externa dos Estados Unidos e da Inglaterra. Carvão, aço, petróleo, capitais, tudo se entrelaça neste amalgama de monopolistas que atravessam fronteiras e agem por sôbre as cabeças dos povos. A voz de Dulles e de Churchill, é a dos Rockfeller e dos Schröder. E' verdade que outras fôrças também fazem parte dêste bloco e influenciam seus chefes políticos, mas isto só vem confirmar inteiramente a tese de que a política da reação internacional contemporanea, notadamente na questão alemã, traduz os interêsses e executa as ordens de um grupo restrito de arqui-exploradores, inimigos os mais perigosos da paz entre as nações.

Como Vive a "Imprensa...

(*Conclusão da 5.ª pág.*)

bricante de papel, Jean Prouvost, que foi nomeado por Reynaud ministro das Informações. O órgão socialista *Le Populaire* passou a ser subvencionado por Reynaud quando Paul Faure, a fim de se desembaracar de Blum, induziu as seções provinciais dos socialistas a lhe retirarem seu apoio. O resto dos jornais, as chamadas "fôlhas confidenciais" — isso devido à sua pequeníssima circulação — vivia em situação precária. Mendigavam para poder subsistir, como me declarou o editor de uma delas. Sòmente dois diários publicados em Paris durante a guerra eram ostensivamente contrários a Munich: *L'Epoche* e *L'Ordre*. (1)

A instituição oficial das "verbas secretas" nos orçamentos do govêrno deu um aspecto constitucional à corporação. Os "envelopes" eram feitos no princípio de cada mês, no Quai D'Orsay (Ministério do Exterior da França) e outros Ministérios e distribuidos aos redatores de vários jornais. Quando a censura foi estabelecida, a imprensa comprada odiou-a. A razão era que "os ministros que podem suprimir os ataques pelos meios da censura não pagarão". Uma vez, por acaso, eu estava no escritório de uma importante agência de informações jornalísticas, na época em que Daladier tomara de Bonnet a pasta do Exterior. A primeira questão do momento não era "Que espécie de política vamos seguir agora?", mas "*Qui va toucher?*". A frase pode ser traduzida assim: "Quem vai receber o dinheiro?"

Um dos portavozes de Bonnet, que expressava o pensamento do Ministro por intermédio de um influente vespertino, era antes da crise de Munich diretor de um jornal subvencionado pelos tchecos. Nesse mesmo jornal êle tomou posição contra o acôrdo de Munich. Queria conduzir pelas rédeas, a um só tempo, dois cavalos correndo em direção oposta.

Um antigo deputado com li-gações no Quai D'Orsay fazia tôdas as manhãs, para George Bonnet, um resumo do que dizia a imprensa estrangeira. Por êsse serviço recebia mensalmente a importância de cinco mil francos. À tarde, tomava uma cópia em papel carbono do mesmo resumo e remetia-se a Reynaud, que lhe pagava mensalmente mais quatro mil francos. Depois do lanche trabalhava para um jornalista estrangeiro, para quem vendia as informações que conseguia colher nos Ministérios do Exterior e Finanças. À noite, editava um jornal subvencionado pelo gabinete do *premier*".

---

(1) — *L'Humanité*, o órgão dos comunistas franceses, havia sido proibido pelo govêrno e passara à clandestinidade. — (N. da R.).

Diretor Responsável:
Maurício Grabois
Redação e Administração: AV. RIO BRANCO, 257
17.º and. — Salas 1711 - 1712
Rio de Janeiro - Brasil - D.F.

ASSINATURAS:

Anual ... ... Cr$ 30,00
Semestral ... ... Cr$ 15,00
Número avulso . Cr$ [illegible]
Atrasado ... ... Cr$ 1,[illegible]

CONFESSA O SEU CRIME O CONSPIRADOR BELA KOVACS

O COMPLOT DOS REMANESCENTES FASCISTAS DA HUNGRIA POSTO A NU PELO EX-SECRETÁRIO GERAL DO PARTIDO DOS PEQUENOS PROPRIETÁRIOS

N. R. — O recente caso húngaro, faz poucas semanas, agitou o noticiário das agências telegráficas, que exploraram fartamente o tema do «golpe comunista" e da «intervenção soviética". O próprio Departamento de Estado norte-americano se agitou, cortando um crédito de 30 milhões de dólares, que havia sido destinado à Húngria. O presidente Truman falou em «desafôro soviético". Mas o que houve, na verdade, foi uma conspiração fracassada de remanescentes fascistas, insuflada pelos ianques. O primeiro-ministro Feren Nagy, implicado no «complot", foi constitucionalmente substituído por um outro membro do seu próprio partido, o Partido dos Pequenos Proprietários. Nagy, que se encontrava na Suiça, «estrategicamente", não quiz se defender da acusação, voando para os EE. UU.. Também era conspirador o presidente da Assembléia Constituinte, Bela Kovacs, que foi detido. O que se segue é o texto da confissão de Bela Kovacs, secretário geral do Partido dos Pequenos Proprietários. Sôbre êste documento houve silêncio absoluto por parte das agências telegráficas ianques.

Pergunta — Por que eram os leaders da conspiração contra a República membros do Partido dos Pequenos Proprietários? Os leaders do Partido dos Pequenos Proprietários são ou não culpados nesse particular?

Resposta — São. A direção do Partido dos Pequenos Proprietários — inclusive eu, Ferenc Nagy e Bela Varga — é culpada e responsável pelo fato de que os leaders espirituais da conspiração viessem do Partido dos Pequenos Proprietários.

Partido dos Pequenos Proprieprietários se tornou o centro das fôrças reacionárias e o crescimento do núcleo de membros da conspiração anti-republicana resultou dos métodos [illegible]

[illegible] comunista e vice-"premier"

síveis usados pelo Partido.

Eu, como secretário geral do Partido dos Pequenos Proprietários em 1945, já tinha aprovado ligações ilegais entre o Partido e o Exército húngaro emigrado, dando permissão escrita a Sandor Raffay para estabelecer essas ligações.

Usando o meu certificado, Raffay realizou trabalho direto de espionagem em meu nome e, em consequência do meu certificado, Raffay estabeleceu ligações na zona britânica da Áustria, com o major Zoltan Szugyi, leader do Exército húngaro emigrado e comandante em chefe da divisão especial de São Ladislau, que tentou solapar a jovem República democrática húngara e que agiu como espião contra as fôrças de ocupação do Exército soviético.

O leader do Partido dos Pequenos Proprietários, Ferenc Nagy, foi informado por Laszlo Gyulai, chefe da secção de propaganda do Partido, da atitude criminosa de Sandor Raffay. A despeito disso, Ferenc Nagy nada fez para sustar a atividade criminosa de Sandor Raffay.

Como instrumento típico da minha política de partido, menciono a minha amisade com Balnit Arany, chefe espiritual da conspiração anti-republicana.

Em agosto de 1946, Arany me informou que uma associação secreta funciona na Húngria. Em vez de sustar a atividade desta organização secreta, que transgredia as ordens da República húngara e das autoridades de ocupação soviéticas, eu consenti em participar dessa organização secreta.

Em março de 1946 mantive conferências com o chefe da secção policial-militar do Partido dos Pequenos Proprietários para armar uma organização militar ilegal fundada na província de Vas, no oéste da Húngria. O chefe da secção policial-militar do nosso Partido, Paul Jaczko, — como se soube mais tarde, — estava em estreita ligação com o leader da conspiração anti-republicana, Szentmiklossy, e [illegible] ordens.

A direção do Partido dos Pequenos Proprietários, na minha pessoa e nas de Bela Varga, Ferenc Nagy e outros, é culpada de colocar conspiradores na sua sede central. Entre muitos outros, o secretário de organização do Partido era o principal organizador, o leader e o dirigente espiritual da sociedade conspirativa anti-republicana Fraternidade Húngara — e êsse homem é Balnit Arany.

O chefe da secção policial-militar do Partido era Paul Jaczko, que era o leader das fôrças armadas da Húngria, com que o Partido contava na sua luta pelo Poder.

Durante muito tempo Laszlo Gyulai, chefe da secção central de propaganda do Partido dos Pequenos Proprietários manteve diretas ligações ilegais com o Exército húngaro emigrado, através de Sandor Raffay. Gyulai conseguiu obter o meu auxílio para a organização de espionagem de Raffay. A atividade de Raffay foi comunicada a Ferenc Nagy, quando Gyulai informou Nagy do relatório de Raffay, em novembro de 1946, em que havia uma referência direta às ligações de espionagem de Raffay, conseguidas através do nosso Partido.

Eu e Ferenc Nagy somos responsáveis porque, depois de saber da atividade criminosa, ilegal e prejudicial de Raffay contra a República húngara, não tomamos as necessárias contra-medidas.

Eu e Ferenc Nagy mantivemos estreita amisade com os leaders da conspiração anti-republicana — por exemplo, com Dominik Szentivanyi, Balnit Arany e Kalman Sálata.

(Szentivanyi é um ex-diplomata húngaro, condenado por conspiração pelo Tribunal Popular. Salata casou recentemente com a filha de Nagy, na Suiça).

Com estas pessoas mantinhamos conferências não oficiais em residências particulares, onde discutíamos questões de política interna e externa, a posição da Húngria e outras questões que não podiam ser assunto de discussão legal.

Foi o que aconteceu quando conversamos, na minha casa, — eu, Szentivanyi, Salata e Nagy, — da possibilidade de formar um contra-govêrno húngaro no exílio.

Êsse procedimento meu e de Ferenc Nagy deu aos conspiradores oportunidade de pensar em nós como gente sua e contar conosco. Certa ocasião, dei auxílio direto ao patrocinador da conspiração anti-republicana Dominik Szentivanyi.

Ferenc Nagy, o conspirador que se vendeu aos ianques

Szentivanyi foi posto na lista B (a lista dos que deveriam ser demitidos) no Ministério do Exterior. Parecia que essa demissão não era interessante aos objetivos dos conspiradores e, assim, dois dêles, Arany e Salata, vieram pedir a minha intervenção, a fim de que Szentivanyi pudesse manter a sua posição. Eu aquiesci ao seu pedido.

A pergunta e o depoimento estão escritos de meu próprio punho.

(a.) *Bela Kovacs.*

"Deve ser Compatível Com As Exigências Militares e Navais Dos Estados Unidos"

EIS O QUE DECLARA TRUMAN, NO TEXTO DA FAMOSA LEI «NORTE-AMERICANA» DE UNIFORMIZAÇÃO DAS FÔRÇAS ARMADAS DO CONTINENTE

O Plano Truman é uma das novas peças do pan-americanismo. E' uma aplicação modernissima do velho lema: — "A América para os Estados Unidos da Américado Norte".

No dia 26 de maio passado, o presidente Truman enviou ao Congresso ianque o projeto da "Lei de Cooperação Militar Inter-Americana". O texto dêsse projeto foi divulgado pelas agências telegráficas, constituindo um documento que confirma, de maneira incontestável, o que vinham os comunistas advertindo sôbre o famoso Plano Truman de uniformização dos armamentos das nações do continente.

De acôrdo com a "secção 2.ª do referido projeto-lei, o chefe do govêrno ianque ficará autorizado a transferir às nações americanas quaisquer armas, munições e materiais de guerra, aviões ou navios, petrechos, abastecimentos, serviços de informação técnica, material e equipamento. Mas, declara a "secção 2.ª, na sua parte final: — "Dispondo-se que tal transferência deve ser comatível com as exigências militares e navais dos Estados Unidos e com seus interêsses nacionais".

Tal declaração e feita logo no início da lei, antes de qualquer outra consideração sôbre os "interêsses nacionais" dos demais países do continente ou sôbre as decisões da Organização das Nações Unidas. Somente na sua secção 6.ª "é que a lei afirma: — "Qualquer acôrdo, transação ou compromisso realizado pelos Estados Unidos, de acôrdo com esta lei, estará sujeito ao sistema geral para a regulamentação dos armamentos que fôr adotado pelas Nações Unidas ou a qualquer outro tratado ou convenção internacional para a elevação ou limitação dos armamentos ou transferência de armas de que os Estados Unidos sejam parte".

Como se vê, a redação da secção 6.ª é ambigua e condicional, nem podia deixar de ser assim, uma vez que não existe nenhum sistema internacional para a regulamentação dos armamentos. A proposta apresentada por Molotov, na O. N. U., para o desarmamento das grandes potências, ficou praticamente encalhada, dada a obstrução sistemática dos EE. UU. e da Grã-Bretanha. Do mesmo modo, têm sido obstruídas e sabotadas tôdas as propostas soviéticas, visando proibir a fabricação de bombas atômicas.

O que existe de concreto, por conseguinte, é que o Plano Truman se baseia, em primeiro lugar, nas "exigências militares e navais dos Estados Unidos e nos seus interêsses nacionais".

A "secção 5.ª" da lei declara que "o benefício para os Estados Unidos pode ser pago em espécie, propriedades ou qualquer outro benefício direto ou indireto, que o presidente determinar adequado e satisfatório". O que está contido nestas palavras, é realmente monstruoso, quando se conhecem as possibilidades que os ianques dispõem para pressionar, submetendo às suas ambições, a maioria dos governos latino-americanos, entre os quais o govêrno brasileiro, dirigido por um estúpido nati-comunista, como é o general Dutra. Com base nessa secção 5.ª, os monopólios ianques, em troca do ferro velho que nos fornecerão, a título de armamentos, entulhando o Brasil com as sobras da segunda guerra mundial, tentarão obter as concessões das jazidas petroliferas e de outras riquezas do solo brasileiro e, inclusive, concessões territoriais para a construção de bases, etc..

A mesma secção 5.ª dispõe que, para realizar qualquer transferência de armamentos, o govêrno dos Estados Unidos solicitará, primeiramente: "a transferência de parte do govêrno estrangeiro aos Estados Unidos dos artigos, de armas, aviões ou navios similares não adaptados às tabelas de organização e equipamento das fôrças armadas dos Estados Unidos". E' êste o item, que caracteriza a uniformização de armamentos no continente. Na verdade, trata-se de garantir aos fabricantes ianques de material bélico o monopólio do mercado latino-americano. O Plano Truman não passa de um grande negócio, que será muito lucrativo aos Morgan e Vanderbilt; se fôr aprovado na conferência do Rio ou de Bogotá, entregaremos aos ianques todo o nosso armamento de procedência européia ou de fabricação nacional e passaremos a comprar e utilizar, exclusivamente, armamento ianque.

O general Sosa Molina, ministro da guerra da Argentina, já declarou expressamente que o seu país não aprovará nenhum plano, que leve ao fechamento da indústria argentina armas e munições. Do general Carombert, ministro da guerra da ditadura Dutra, o o qual tanto fala em "brasilidade", nenhuma declaração semelhante se conhece.

Embora declare formalmente o contrário, a verdade é que o Plano Truman será utilizado pelo govêrno ianque para incentivar a corrida armamentista na América Latina, permitindo o fornecimento de armas para a consolidação de algumas ditaduras, como a do títere Dutra, e para a provocação de choques armados e guerra, entre os países do continente.

O Plano Truman representa, ainda, uma flagrante e afrontosa intromissão do govêrno e congresso norte-americanos em assunto, que está ligado à soberania das nações do hemisfério, a cada uma das quais compete exclusivamente legislar sôbre as suas próprias fôrças armadas. Na mensagem, com que apresentou o seu projeto-lei ao Congresso, o presidente Truman fala, inclusive,

(Conclue na 3ª página)

O EXEMPLO HISTÓRICO DA REVOLUÇÃO FRANCESA

A BURGUESIA, EM ASCENSÃO, DERRUBOU O FEUDALISMO E RENOVOU A FACE DA TERRA — HOJE, O PROLETARIADO, ÚNICA CLASSE REVOLUCIONÁRIA DO PRESENTE, CONDUZ A HUMANIDADE PARA UMA SOCIEDADE SEM CLASSES, LIVRE DA EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM

A 14 de julho último foi comemorado o 158.º aniversário da queda da Bastilha.

A 14 de julho de 1789, o povo de Paris, tomado de impeto revolucionário, invadiu a prisão da Bastilha, libertando os presos políticos, que ali se encontravam, condenados pela monarquia absolutista dos Bourbon. Em agosto do mesmo ano, era proclamada a famosa Declaração dos Direitos do Homem, que significou um golpe de morte nos privilégios de casta consagrados pelo feudalismo. Instalou-se a Convenção republicana. Luiz XVI foi guilhotinado, Robespierre esmagou com a mão de ferro do terror os conspiradores contra-revolucionários. Marat, até a hora do seu assassinato, daria magnificas lições de política através do seu jornal "O Amigo do Povo" e o novo exército popular, constituido de jovens maltrapilhos e inexperientes, comandado por generais também jovens e saídos das fileiras, esmagaria, na batalha de Valmy, o exército profissionais dos prussianos, que contava com o apoio da aristocracia francesa, para a qual era preferível entregar a sua pátria ao domínio estrangeiro do que abdicar dos seus privilégios de casta.

Marat, jornalista e tribuno, um dos dirigentes da Revolução

A tomada da Bastilha foi o rastilho, que iniciou a grande Revolução Francesa. O povo de Paris teve, então, o apoio das armas dos soldados, que, segundo uma expressão de Lenin, passaram o fuzil de um ombro para o outro, dirigindo-o, não contra o povo, mas contra os senhores da casta dominante.

A Grande Revolução Francêsa obedeceu ás necessidades materiais da burguesia, classe naquela época em ascenção e precisando se desembaraçar de todo o sistema feudal, que entravava a expansão das fôrças produtivas. As relações de produção do feudalismo deviam ser substituídas pelas relações de produção capitalistas. O servo da Idade Média precisava ser substituído pelo camponês livre, proprietário da terra, e o artesão da cidade pelo proletário da grande indústria. A burguesia, a fim de realizar a sua Revolução, não hesitou em levantar a bandeira dos grandes ideais da humanidade, a liberdade, a igualdade e a fraternidade. O povo francês as colocou sob essa bandeira e derrubou, com entusiasmo, as instituições feudais, varrendo-as, inclusive, de quase todos os países da Europa. A burguesia, para vencer as conspirações dos aristocratas feudais, não hesitou mesmo em lançar mão de um impiedoso terror, do rigor do Tribunal da Salvação Pública, em que Saint Just e Fouquier Tinville deram exemplos de consequência revolucionária, e, mais tarde, da espada de Napoleão, que derrubou a maioria dos tronos do continente europeu.

A burguesia revolucionária francesa deixou um grande exemplo histórico, o exemplo da audácia das classes revolucionárias. "Audácia, audácia, sempre audácia" — era o lema de Danton.

Mas a burguesia não abolia a exploração das classes oprimidas. O feudalismo explorava os servos e o capitalismo passou a explorar a classe operária, da maneira mais desumana e brutal. O feudalismo entravava a expansão das fôrças produtivas e capitalismo, depois de ter renovado a face da terra, como dizem Marx e Engels, no "Manifesto Comunista", passou também a entravar o progresso das novas fôrças produtivas e se transformou num sistema parasitário. Hoje, a burguesia imperialista oprime o proletariado dos países capitalistas e os povos dos países dependentes e coloniais. O sistema burguês degenerou inclusive no fascismo, brigada de choque do capital financeiro, monopolista, que ensanguentou todos os continentes, durante a última guerra. Agora, o centro da reação capitalista mundial se encontra nos Estados Unidos, de onde partem as provocações guerreiras e os planos de dominação mundial.

O proletariado, única classe revolucionária do presente, está chamado a substituir a burguesia e construir um novo sistema, superior a todos os demais que já existiram na história humana. O socialismo conduzirá a humanidade para a sociedade sem classes, definitivamente livre da exploração do homem pelo homem.

O socialismo não é mais a utopia sonhada por Baboef, que chefiou uma conspiração operária, logo após a revolução burguesa na França. O socialismo, que se tornou uma ciência, com Marx e Engels e se fez uma bandeira de atividade prática com o Partido Comunista de Lenin e Stalin, constitui hoje, uma grande realidade na União Soviética, sexta parte do globo, e se colocou na ordem do dia, como problema prático imediato, para todos os povos da Europa

Através das lutas da classe operária e dos partidos comunistas em tôdas as partes do mundo, o socialismo vem se afirmando a invencível causa, que esmagará a raivosa reação imperialista

---

Para maior esclarecimento sôbre a Revolução Francêsa, aconselhamos as seguintes obras: "Manifesto Comunista", de Marx e Engels; "História da época do Capitalismo Industrial" de Efimov e Freiberg; "História da Revolução Francêsa", de Mathiez; "Napoleão", de Eugene Tarle